

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

1. Rāja-vidyā: o rei do conhecimento

“O Senhor Supremo disse: Meu querido Arjuna, como jamais tiveste inveja de Mim, transmitir-te-ei esta secretíssima sabedoria, conhecendo a qual aliviar-te-ás das misérias da existência material” (*Bhagavad-gītā* 9.1).

As palavras iniciais do Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā* indicam que é a Divindade Suprema quem está falando. Neste verso, Śrī Kṛṣṇa é chamado de Bhagavān. *Bhaga* significa opulências e *vān*, aquele que possui. Nós imaginamos o que seja Deus, porém, recorrendo à literatura védica, encontraremos descrições e definições categóricas do que Deus possa ser, e tudo isso pode ser resumido com uma só palavra — Bhagavān. Bhagavān possui todas as opulências, a totalidade do conhecimento, da riqueza, do poder, da beleza, da fama e da renúncia. Ao encontrarmos alguém que possui essas opulências na sua plenitude, com certeza teremos encontrado Deus. Muitos homens são ricos, sábios, famosos, belos e poderosos, mas ninguém pode afirmar possuir todas essas opulências. Apenas Kṛṣṇa pode afirmar tal coisa.

“Sabendo que Eu sou o objetivo último de todos os sacrifícios e austeridades, o Senhor Supremo de todos os planetas e semideuses e o benfeitor e benquerente de todas as entidades vivas, os sábios libertam-se das dores das misérias materiais” (*Bhagavad-gītā* 5.29).

Neste verso, Kṛṣṇa proclama ser o desfrutador de todas as atividades e o proprietário de todos os planetas (*sarva-loka-maheśvaram*). Pode ser que determinado indivíduo possua uma grande extensão de terra, e talvez ele se orgulhe disso, mas Kṛṣṇa afirma ser proprietário de todos os sistemas planetários. Kṛṣṇa também diz ser o amigo de todas as entidades vivas (*suhṛdam sarva-bhūtānām*). Quem compreende que Deus é proprietário de tudo, o amigo de todos e o desfrutador de tudo torna-se muito pacífico. Esta é a verdadeira fórmula da paz. Ninguém poderá ter paz enquanto pensar: “Eu sou o proprietário”. Quem pode afirmar possuir alguma coisa? Há apenas cem anos, os índios eram considerados os proprietários dos Estados Unidos. Hoje em dia, são os brancos que estão reivindicando tal propriedade, porém, dentro de quatrocentos ou mil anos, talvez outra raça reivindique a mesma coisa. A terra está aí, mas nós a ocupamos e alegamos falsamente que ela nos pertence. Esta filosofia do falso proprietário não é compatível com os preceitos védicos. O *Śrī Īsopaniṣad* declara que “todas as coisas animadas ou inanimadas existentes no universo estão sob o controle do Senhor e Lhe pertencem (*īśāvāsyam idam sarvam*)”. Esta declaração apresenta uma verdade insofismável, porém, iludidos, nós achamos que possuímos algo. Na realidade, tudo pertence a Deus, e por isso Ele é conhecido como o mais rico.

É claro que muitos homens afirmam ser Deus. Na Índia, por exemplo, em qualquer época, não é difícil encontrar pelo menos uma dúzia de pessoas afirmando ser Deus. Contudo, se lhes perguntamos se tudo lhes pertence, elas têm dificuldade em responder-nos. Este critério nos ajuda a entender quem é Deus. Deus é o proprietário de tudo, e, sendo assim, Ele é necessariamente mais poderoso do que qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa. Quando o próprio Kṛṣṇa esteve presente na Terra, ninguém conseguia vencê-lo. A história não tem registro de alguma batalha que Ele tenha perdido. Ele pertencia a uma família de *kṣatriyas* (guerreiros), cuja função é proteger os mais fracos. Quanto à Sua opulência, Ele casou-se com 16.108 rainhas e cada uma delas teve seu próprio palácio. E, como se isso não bastasse, Kṛṣṇa expandiu-se 16.108 vezes a fim de divertir-se com todas elas. Talvez seja difícil acreditarmos nisso, mas isso encontra-se registrado no *Śrīmad-Bhāgavatam*, uma escritura reconhecida por todos os grandes sábios da Índia, os quais também reconhecem que Kṛṣṇa é Deus.

No primeiro verso deste Nono Capítulo, ao utilizar o termo *guhyaṭamam*, Śrī Kṛṣṇa dá a entender que está transmitindo o conhecimento mais confidencial a Arjuna. Por que Ele proclama isto a Arjuna? Porque Arjuna é *anasūyu* — não-invejoso. No mundo material, se encontramos alguém superior a nós, ficamos com inveja. Temos inveja, não somente uns dos outros, mas também de Deus. Além disso, quando Kṛṣṇa diz: “Eu sou o proprietário”, não acreditamos nisso. Porém, com Arjuna a coisa é diferente, pois ele ouviu Kṛṣṇa sem sentir inveja. Arjuna não argumenta com Kṛṣṇa, senão que concorda com tudo o que Ele diz. Esta é a sua qualificação especial, e é assim que devemos compreender o *Bhagavad-gītā*. Não temos possibilidade de compreender o que é Deus mediante nossas próprias especulações mentais: é necessário que ouçamos e aprendamos a aceitar.

Como Arjuna não é invejoso, Kṛṣṇa lhe comunica este conhecimento especial. Não se trata de mero conhecimento teórico, mas sim de conhecimento prático (*vijñāna-sahitam*). Não devemos assimilar o conhecimento recebido do *Bhagavad-gītā* de maneira sentimentalista ou fanática. Tal conhecimento é tanto

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

jñāna quanto *vijñāna* sabedoria teórica e conhecimento científico. Para quem se torna bem versado neste conhecimento, a liberação está garantida. A vida neste mundo material é, por natureza, inauspiciosa e miserável. *Mokṣa* significa liberação, e o que se promete é que, em virtude de ter compreendido este conhecimento, a pessoa libertar-se-á de todas as misérias. Logo, é importante entender o que Kṛṣṇa diz a respeito deste conhecimento.

*rāja-vidyā rāja-guhyam / pavitram idam uttamam
pratyakṣāvagamam dharmyam / susukham kartum avyayam*

“Este conhecimento é o rei da educação, o mais secreto de todos os segredos. É o conhecimento mais puro, e, por proporcionar percepção direta do eu mediante a compreensão prática, é a perfeição da religião. Além de ser duradouro, é posto em prática com muita alegria” (*Bhagavad-gītā* 9.2).

Segundo o *Bhagavad-gītā*, o conhecimento mais elevado (*rāja-vidyā rāja-guhyam*) é a consciência de Kṛṣṇa, pois, no *Bhagavad-gītā* encontramos que o sintoma daquele que tem conhecimento de fato é que ele é rendido a Kṛṣṇa. Enquanto insistirmos em especular sobre Deus sem nos rendermos a Ele, pode-se concluir que ainda não teremos alcançado a perfeição do conhecimento. A perfeição do conhecimento é: “Depois de muitos nascimentos e mortes, aquele que tem conhecimento de fato rende-se a Mim, sabendo que Eu sou a causa de todas as causas e de tudo o que existe. Uma grande alma assim é muito rara” (*Bhagavad-gītā* 7.19).

Enquanto não nos rendermos, não poderemos compreender Deus. Talvez tenhamos que nascer muitas vezes até que nos rendamos a Deus, porém, se aceitarmos que Deus é grande, é bem possível que nos rendamos a Ele imediatamente. De um modo geral, contudo, esta não é a nossa posição no mundo material. Somos caracteristicamente invejosos, e por isso pensamos: “Ah! por que deveria eu render-me a Deus? Sou independente. Prefiro agir independentemente”. Portanto, a fim de retificar esta idéia falsa, somos obrigados a trabalhar neste mundo material por muitos nascimentos. A este respeito, o nome de Kṛṣṇa é especialmente significativo. *Kṛṣ* significa repetição de nascimentos e *na*, aquele que impede. Só Deus pode impedir que nasçamos repetidas vezes neste mundo. Sem a imotivada misericórdia de Deus, isto não é possível para ninguém.

O assunto do Nono Capítulo é *rāja-vidyā*. *Raja* significa rei e *vidyā* conhecimento. Na vida comum, observamos que alguém é rei de certo assunto, ao passo que outrem é rei de outro assunto. Este conhecimento, contudo, tem soberania sobre todos os demais, e todos os outros conhecimentos são sujeitos ou relativos a ele. A expressão *rāja-guhyam* indica que este conhecimento soberano é muito confidencial, e o termo *pavitram* quer dizer que ele é muito puro. Este conhecimento é, também, *uttamam*; *ud* significa transcender e *tama*, escuridão. Aquele conhecimento que transcende este mundo e o conhecimento próprio deste mundo chama-se *uttamam*. É o conhecimento da luz, do qual a escuridão está separada. Quem trilhar este caminho de conhecimento poderá perceber pessoalmente o quanto já progrediu no caminho rumo à perfeição (*pratyakṣāvagamam dharmyam*). *Susukham kartum* indica que este conhecimento é posto em prática de maneira muito alegre. E *avyayam* indica que este conhecimento é permanente. Talvez trabalhemos neste mundo material em busca de educação ou de riqueza, só que essas coisas não são *avyayam*, pois, tão logo este corpo chegar ao fim, todas as outras coisas também acabarão. A morte dá fim a tudo — nossa educação, nossos diplomas, contas bancárias, família e assim por diante. Nada do que estamos fazendo neste mundo material é eterno.

Entretanto, o conhecimento do *Bhagavad-gītā* não é assim. “Quem se esforça neste sentido não é um perdedor nem se vê privado de nada, e um pouquinho de avanço que faça neste caminho poderá protegê-lo do maior dos temores” (*Bhagavad-gītā* 2.40).

O conhecimento em consciência de Kṛṣṇa é tão perfeito que, se alguém trabalha em consciência de Kṛṣṇa mas não alcança a perfeição, mesmo assim, em sua próxima vida, continua do ponto onde parou. Em outras palavras, as ações realizadas em consciência de Kṛṣṇa são duradouras. Por outro lado, as conquistas materiais, por estarem relacionadas ao corpo, são destruídas à hora da morte. O conhecimento relativo a designações corpóreas não perdura. Achamos que somos homens ou mulheres, americanos ou indianos, cristãos ou hindus — todas essas designações são relativas ao corpo, e assim, quando o corpo acabar, elas também terão fim. Na verdade, somos espírito, e por isso nossas atividades espirituais nos acompanharão aonde quer que formos.

Śrī Kṛṣṇa indica que este rei do conhecimento também é posto em prática alegremente. Pode-se perceber com facilidade que as atividades em consciência de Kṛṣṇa são executadas alegremente. Cantamos, dançamos, comemos *prasādam* (alimento oferecido a Kṛṣṇa) e estudamos o *Bhagavad-gītā*. São estes os processos principais. Não há regulamentos rígidos de que tenhamos que nos sentar eretos durante muito

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

tempo ou fazer tantos exercícios ou controlar nossa respiração. Não, o processo é posto em prática de maneira muito fácil e alegre. Todos gostam de dançar, cantar, comer e ouvir a verdade. Este processo é realmente *susukham*—alegre.

No mundo material, são muitas as graduações pelas quais tem que passar o estudante. Certas pessoas jamais conseguem terminar os cursos elementares, ao passo que outras prosseguem até o nível universitário, após o que se esforçam por obterem bacharelado, mestrado, PhD e assim por diante. Mas o que vem a ser este *rāja-vidyā*, o rei da educação, o *summum bonum* do conhecimento? Trata-se da consciência de Kṛṣṇa. Conhecimento verdadeiro consiste em compreender “quem eu sou”. Se não chegarmos ao ponto de compreender quem somos nós, não poderemos obter conhecimento verdadeiro. Quando Sanātana Gosvāmī deixou seu serviço governamental e foi ter com Caitanya Mahāprabhu pela primeira vez, ele perguntou ao Senhor: “Que é educação?” Embora Sanātana Gosvāmī soubesse vários idiomas, incluindo o sânscrito, ele mesmo assim perguntou o que era educação verdadeira. “As pessoas em geral consideram-me muito culto”, disse Sanātana Gosvāmī ao Senhor, “e eu sou tão tolo que acabo acreditando nisso”.

O Senhor replicou: “Por que não deverias te considerar culto? És muito erudito em sânscrito e em persa”.

“Pode ser que sim”, disse Sanātana Gosvāmī, “mas eu não sei o que sou”. Em seguida, ele disse ao Senhor: “Não desejo sofrer, mas sou forçado a experimentar estas misérias materiais. Tampouco sei de onde venho nem para onde vou, mas as pessoas consideram-me culto. Quando elas me chamam de grande erudito, sinto-me satisfeito, porém, na verdade, sou tão tolo que não sei o que sou”. Na verdade, Sanātana Gosvāmī estava falando em nome de todos nós, pois esta é a situação em que nos encontramos. Mesmo que nos orgulhemos de nossa educação acadêmica, ao sermos questionados, não temos capacidade de dizer o que somos. Todos acreditam que este corpo é o eu, porém, os textos védicos ensinam-nos que somos algo mais. Só poderemos assimilar conhecimento verdadeiro e compreender o que somos de fato depois de entendermos que não somos estes corpos, a partir de então que o conhecimento começa.

Pode-se ainda definir *rāja-vidyā* como agir conforme o conhecimento do que se é. Se não soubermos quem somos nós, como poderemos agir da maneira correta? Se estivermos equivocados quanto à nossa identidade, também ficaremos equivocados quanto a nossas atividades. O simples conhecimento de que não somos estes corpos materiais não é suficiente: devemos agir com a convicção de que somos espirituais. A ação baseada neste conhecimento — ou seja, a atividade espiritual — é o trabalho realizado em consciência de Kṛṣṇa. Talvez não pareça tão fácil obter esta espécie de conhecimento, porém, isto torna-se muito fácil pela misericórdia de Kṛṣṇa e do Senhor Caitanya Mahāprabhu, o qual fez com que este conhecimento se tornasse facilmente disponível através do processo de cantar Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare.

Caitanya Mahāprabhu categorizava as entidades vivas em duas classes principais: as móveis e as inertes. As árvores, a grama, as plantas, as pedras e outras não se movem por carecerem de consciência suficientemente desenvolvida. Apesar de terem consciência, ela está encoberta. O ser vivo que não compreende sua posição é como uma pedra, mesmo que habite num corpo humano. As entidades vivas — os pássaros, os répteis, os mamíferos, os insetos, os seres humanos, os semideuses, etc. — compreendem 8.400.000 formas diferentes, entre as quais apenas um número muito reduzido são de seres humanos. O Senhor Caitanya explica, também, que existem 400.000 espécies de seres humanos, entre os quais apenas alguns são civilizados; e, entre muitas pessoas civilizadas, pouquíssimas são devotadas às escrituras.

Hoje em dia, a maioria das pessoas professa ter alguma religião — cristã, hindu, muçulmana, budista, etc.— mas, de fato, não crêem realmente nas escrituras. Os que crêem nas escrituras são, em geral, apegados a atividades filantrópicas piedosas. Acreditam que religião quer dizer *yajña* (sacrifício), *dāna* (caridade) e *tapas* (penitência). Quem pratica *tapasya* submete-se voluntariamente a regulações muito rígidas, tais como as praticadas por estudantes *brahmacārī* (celibatários) ou *sannyāsīs* (membros da ordem renunciada). Caridade significa desfazer-se voluntariamente das posses materiais. Atualmente não se pratica sacrifício, porém, segundo nos informam textos históricos como o *Mahābhārata*, os reis de outrora faziam sacrifícios, distribuindo rubis, ouro e prata. Basicamente, eram os reis que praticavam *yajña*, ao passo que os chefes de família, em escala bem menor, faziam caridade. Aqueles que acreditavam piamente nas escrituras costumavam adotar algum destes princípios. Contudo, nesta era, de um modo geral, as pessoas só fazem dizer que pertencem à uma religião embora não façam nada realmente. Dentre milhões de tais pessoas, um número muito reduzido delas chega realmente a praticar caridade, sacrifício e penitência. Caitanya Mahāprabhu observa ainda que, de milhões de pessoas praticantes desses princípios religiosos em todo o universo, poucas são as que alcançam conhecimento perfeito e entendem o que são.

O simples fato de saber: “Eu não sou este corpo mas sim espírito” não é suficiente. Precisamos escapar do enredamento da natureza material. Esta liberação chama-se *mukti*. Entre muitos milhares de pessoas auto-

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

realizadas em termos do que e de quem são, apenas uma ou duas talvez sejam realmente liberadas. E, entre milhares de pessoas liberadas, talvez uma ou duas apenas compreendam o que e quem é Kṛṣṇa. Portanto, compreender Kṛṣṇa não é tarefa muito fácil. Sendo assim, nesta era de Kali, era esta caracterizada pela ignorância e o caos, a liberação está fora do alcance de praticamente todo mundo. A pessoa é obrigada a se submeter a toda a tribulação de tornar-se civilizada, então religiosa, e em seguida ela precisa praticar caridade e sacrifício para atingir a plataforma de conhecimento, e depois a fase de liberação, e, enfim, após a liberação, ela pode compreender o que é Kṛṣṇa. O *Bhagavad-gītā* (18.54) também menciona este processo:

*brahma-bhūtaḥ prasannātmā / na śocati na kāṅkṣati
samaḥ sarveṣu bhūteṣu / mad-bhaktim labhate parām*

“Quem está assim transcendentemente situado compreende de imediato o Brahman Supremo. Nunca lamenta nem deseja ter nada, é equânime com toda entidade viva. Nesse estado, ele alcança o serviço devocional puro a Mim”.

São estes os sintomas indicativos da liberação. O primeiro sintoma da pessoa liberada é que ela é muito feliz. Nunca vamos vê-la acabrunhada. Tampouco ela tem ansiedade. Nunca vamos vê-la lamentando-se: “Não tenho isto. Ah! preciso conseguir aquilo. Preciso pagar esta conta. Tenho que ir aqui, tenho que ir ali”. A pessoa liberada está livre de ansiedades. Mesmo que seja o homem mais pobre do mundo, ela nem se lamenta nem se julga pobre. Por que deveria julgar-se pobre? Quando achamos que somos estes corpos materiais e que portanto precisamos ter posses, isto nos faz crer que somos pobres ou ricos, porém, aquele que é liberado do conceito de vida material nada tem a ver com posses ou falta de posses. “Nada tenho a perder e nada tenho a ganhar”, pensa ele. “Sou totalmente distinto de tudo isso”. Tampouco ele encara as demais pessoas como ricas ou pobres, cultas ou incultas, belas ou feias, etc. Ele não se atém às dualidades materiais, pois mantém sua visão plenamente na plataforma espiritual, sabendo que toda entidade viva é parte integrante de Kṛṣṇa. Assim, encarando todas as entidades vivas segundo sua verdadeira identidade, ele procura trazê-las de novo à consciência de Kṛṣṇa. Segundo seu ponto de vista, todos — os *brāhmaṇas* e os *sūdras*, os negros e os brancos, os hindus e os cristãos, e assim por diante — devem adotar a consciência de Kṛṣṇa. Quando alguém está nesta situação, então: *mad-bhaktim labate parām* — candidata-se a tornar-se devoto puro de Kṛṣṇa.

Praticamente falando, não é muito fácil executar este processo nesta era de Kali. O *Śrīmad-Bhāgavatam* descreve as pessoas desta era: elas vivem muito pouco, tendem a ser fleumáticas e lentas, são muito dadas a dormir e, quando não estão dormindo, estão atarefadas ganhando dinheiro. No máximo, dispõem de apenas duas horas por dia para suas práticas espirituais, de modo que não há esperanças de que desenvolvam compreensão espiritual. Afirma-se, também, que, mesmo alguém ansioso por fazer progresso espiritual, deparará com muitas sociedades pseudo-espirituais que tentariam aproveitar-se dele. Outra característica das pessoas desta era é o infortúnio. Elas têm muita dificuldade para satisfazer as necessidades primárias da vida — comer, defender-se, acasalar-se e dormir — necessidades estas satisfeitas até pelos animais. E, mesmo conseguindo satisfazer essas necessidades, elas vivem preocupadas com a guerra, quer defendendo-se de agressores, quer sendo obrigadas a participar elas mesmas da guerra. E, como se isto não bastasse, sempre surgem doenças estranhas e problemas econômicos em Kali-yuga. Portanto, o Senhor Śrī Kṛṣṇa considerava impossível que as pessoas desta era chegassem à fase perfectiva da liberação seguindo as regras e regulações prescritas.

Logo, por Sua imotivada misericórdia, Śrī Kṛṣṇa veio como o Senhor Caitanya Mahāprabhu e distribuiu o método para se atingir a perfeição máxima da vida e o êxtase espiritual mediante o cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Este processo de cantar é muito prático, e não depende de sermos liberados ou não, ou de nossa condição ser conducente à vida espiritual ou não — quem quer que adote este processo purifica-se de imediato. Portanto, ele chama-se *pavitram*, puro. Além disso, para quem adota este processo de consciência de Kṛṣṇa, todas as sementes de reações latentes a suas atividades pecaminosas são anuladas. Assim como o fogo reduz a cinzas tudo o que é nele colocado, este processo reduz a cinzas todas as reações pecaminosas de nossas vidas passadas.

É preciso que compreendamos que estamos sofrendo devido a nossas atividades pecaminosas, as quais são conseqüência de nossa ignorância. Cometem pecados, ou transgressões, aqueles que não sabem o que é o que. Uma criança, por exemplo, é capaz de colocar sua mão no fogo devido à ignorância. Resultado: ela fica queimada, pois o fogo é imparcial e não faz nenhuma concessão especial à criança inocente. Sua função é agir como fogo e pronto. Analogamente, não sabemos como funciona este mundo material, quem o controla nem como ele é controlado, e, graças à nossa ignorância, temos atitudes tolas. A natureza, porém, é tão estrita que não nos permite escapar às reações de nossas ações. Quer ajamos consciente ou

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

inconscientemente, as reações e conseqüentes sofrimentos virão. Contudo, munidos de conhecimento, poderemos compreender a verdadeira situação, Deus e nossa relação com Ele.

Este conhecimento, mediante o qual podemos libertar-nos do sofrimento, é possível na forma humana de vida, e não na forma animal. Para nos dar conhecimento e orientação adequada, existem escrituras coligidas em diversos idiomas em toda parte do mundo.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu frisou que, desde tempos imemoriais, as pessoas estão esquecidas de sua relação com o Senhor Supremo, por isso, Kṛṣṇa tem enviado muitos representantes Seus para transmitir as escrituras ao homem. Devemos tirar proveito delas, especialmente do *Bhagavad-gītā*, que é a escritura primordial para o mundo moderno.

2. O Conhecimento que transcende saṁsāra

Kṛṣṇa declara especificamente que este processo de consciência de Kṛṣṇa é *susukham*, muito agradável e fácil de se praticar. De fato, o processo devocional é bastante agradável: cantamos melodiosamente com nossos instrumentos, e, quem nos ouvir, também desejará cantar conosco (*śravaṇam kīrtanam*). Evidentemente, a música deve fazer parte da glorificação ao Senhor Supremo. Ouvir o *Bhagavad-gītā* também faz parte do serviço devocional, só que, além de ouvi-lo, devemos também ansiar por pô-lo em prática na nossa vida. A consciência de Kṛṣṇa é uma ciência que não deve ser aceita cegamente.

São nove os processos de serviço devocional recomendados (ouvir, cantar, lembrar, adorar, orar, servir, ocupar-se como servo do Senhor, estabelecer amizade com o Senhor e oferecer-Lhe tudo). São processos fáceis de serem praticados e que podem ser praticados alegremente.

Naturalmente, se alguém achar que o *Bhagavad-gītā* e o *mantra* Hare Kṛṣṇa fazem parte do sistema hindu e não quiser aceitá-los por causa disso, poderá, não obstante, freqüentar a igreja cristã e cantar lá. Não há diferença entre este e aquele processo: a idéia é que qualquer que seja o processo que adotemos, devemos nos tornar conscientes de Deus. Deus não é nem muçulmano, nem hindu, nem cristão — Ele é Deus. Tampouco nós devemos ser considerados hindus, muçulmanos ou cristãos. Estas são designações corpóreas.

Todos nós somos espírito puro, partes integrantes do Supremo. Deus é *pavitram*, puro, e nós também. De alguma forma, contudo, caímos neste oceano material, ao sabor de cujas ondas sofremos. Na verdade, nada temos a ver com as ondas oscilantes das misérias materiais. Basta que oremos: “Kṛṣṇa, por favor, tire-me daqui”. Tão logo esquecemos Kṛṣṇa, o oceano da ilusão aparece e em seguida nos engole. Para escaparmos deste oceano, é importante que cantemos Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare: trata-se de som (*śabda*) que não é diferente de Kṛṣṇa. O som Kṛṣṇa e o Kṛṣṇa original são a mesma coisa. Quando cantamos Hare Kṛṣṇa e dançamos, Kṛṣṇa também dança conosco. É claro que poderemos argumentar: “Mas eu não O vejo”, porém, por que enfatizamos tanto o ver? Por que não ouvir? Ver, saborear, cheirar, tocar e ouvir também são instrumentos para adquirirmos experiência e conhecimento. Por que enfatizamos de maneira tão exclusiva o ato de ver? Um devoto não deseja ver Kṛṣṇa, ele contenta-se simplesmente com ouvir falar de Kṛṣṇa. É claro que ele acabará vendo também, mas não se deve considerar o processo de ouvir como menos importante. Há certas coisas que ouvimos mas não vemos — o vento passa soprando por nossos ouvidos, e podemos percebê-lo com a audição, embora não tenhamos possibilidade de vê-lo. Já que ouvir não é uma experiência menos importante nem menos válida do que ver, podemos ouvir Kṛṣṇa e perceber Sua presença através do som. O próprio Śrī Kṛṣṇa diz: “Não Me encontro em Minha morada, nem no coração do *yogī* meditativo, mas sim onde cantam os Meus devotos puros”. Podemos sentir a presença de Kṛṣṇa conforme vamos avançando.

Não devemos simplesmente pedir coisas a Kṛṣṇa sem Lhe oferecer nada. Todos vivem tirando algo de Deus. Por que, então, não dar-Lhe algo? Kṛṣṇa nos proporciona luz, ar, alimento, água e assim por diante. Sem esses recursos fornecidos por Kṛṣṇa ninguém consegue viver. Por acaso é amor simplesmente continuar tirando, tirando, tirando sem jamais oferecer-Lhe nada em troca? Amor quer dizer dar e receber. Se apenas recebemos de alguém sem lhe dar nada em troca, isto não é amor — é exploração. Não devemos apenas continuar comendo sem jamais oferecer nada a Kṛṣṇa. No *Bhagavad-gītā* (9.26-27), Kṛṣṇa diz:

*patraṁ puṣpaṁ phalaṁ toyam / yo me bhaktyā prayacchati
tad ahaṁ bhakty-upahṛtam / aśmāni prayatātmanaḥ*

*yat karoṣi yad aśnāsi / yaj juhoṣi dadāsi yat
yat tapasyasi kaunteya / tat kuruṣva mad arpanam*

“Se alguém Me oferecer, com amor e devoção, uma folha, uma flor, frutas ou água, Eu as aceitarei. Ó filho de Kuntī, tudo o que fizeres, tudo o que comeres, tudo o que ofereceres e deres em caridade, bem como todas as austeridades que praticares — debes fazer tudo isso como uma oferenda a Mim”.

Além de dar e receber, o praticante de serviço devocional deve submeter a Kṛṣṇa quaisquer aflições ou problemas íntimos que ele tenha. Ele deve dizer: “Kṛṣṇa, estou sofrendo desta maneira. Caí neste agitado oceano de ilusão material. Por favor, tire-me daqui. Agora sei que não tenho nenhuma identificação com este mundo material. Simplesmente caí aqui, como se tivesse sido atirado no Oceano Atlântico. Embora não me identifique de forma alguma com o Oceano Atlântico, estou à mercê da oscilação do oceano. Na verdade, sou uma centelha espiritual, uma parte fragmentária Sua”. Infelizmente, tentamos identificar-nos com o oceano e

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

até conter suas oscilações. Não devemos perder tempo com essas tentativas, pois é impossível conter as ondas do oceano material, as quais sempre existirão, controladas pela natureza material. Apenas os tolos tentam ajustar-se a este mundo; o verdadeiro problema está em como sair dele. Aqueles que tentam ajustar-se a este mundo e jamais se voltam para Kṛṣṇa estão sempre sujeitos à transmigração no oceano de nascimentos e mortes.

*aśraddadhānāḥ puruṣā / dharmasyāsya parantapa
aprāpya mām nivartante / mṛtyu-saṁsāra-vartmani*

“Quem não tem fé no caminho do serviço devocional não pode alcançar-Me, ó conquistador dos inimigos, senão que volta a nascer e morrer neste mundo material” (*Bhagavad-gītā* 9.3).

Por definição, religião é aquilo que nos liga a Deus. Se não é capaz de estabelecer nosso vínculo com Deus não é religião. Religião significa buscar Deus, entender Deus e estabelecer uma relação com Ele.

Isto é religião. Quem se ocupa em serviço devocional age em nome de Kṛṣṇa, ou Deus, e, como deste modo fica estabelecido um vínculo com Deus, a consciência de Kṛṣṇa é uma religião.

Não é possível inventar uma religião. A verdadeira religião provém necessariamente de uma fonte autorizada, seja ela Deus ou Seu representante. Religião é o mesmo que lei de Deus. Ninguém pode inventar um código de lei estadual. O código já existe, e foi decretado pelo estado. Talvez alguém crie algumas leis adicionais para sua própria sociedade, mas essas leis precisam ter a sanção da lei do estado. Analogamente, se desejamos estabelecer algum princípio religioso, ele deve ser corroborado pela autoridade védica.

O *Bhagavad-gītā* também é religião. Grandes autoridades como Ramānujācārya, Madhvācārya, Viṣṇuvāmī, o Senhor Caitanya, Śaṅkarācārya e tantos outros aceitam o *Bhagavad-gītā* como o princípio supremo de religião e Kṛṣṇa como a Suprema Personalidade de Deus. Não há dúvidas quanto a isto. Também no Ocidente, o *Bhagavad-gītā* é aceito como um grande livro de filosofia, e muitos intelectuais e filósofos ocidentais têm-no lido e feito comentários sobre ele. A despeito da aceitação por parte de eruditos e *ācāryas*, há pessoas que não aceitam o *Bhagavad-gītā* nem têm fé nele. Elas não o aceitam de forma alguma como autoridade, pois acham que se trata de um exagero sentimentalista inventado por um homem chamado Kṛṣṇa. Portanto, Kṛṣṇa declara no verso supramencionado que, ao rejeitarem o *Bhagavad-gītā* como autoridade, as pessoas não podem estabelecer nenhuma relação com Ele, e, por não estarem relacionadas a Ele, permanecem no ciclo de nascimentos e mortes. *Aprāpya mām nivartante mṛtyu-saṁsāra-vartmani*. O fato de estarmos sujeitos ao *saṁsāra*, o ciclo de nascimentos e mortes, não garante que necessariamente obteremos uma oportunidade para compreender o *Bhagavad-gītā* na próxima vida. Talvez não voltemos a nascer como seres humanos, ou nos Estados Unidos, ou na Índia, ou mesmo neste planeta. Não há certeza alguma: vai depender de nosso trabalho. No processo de nascimento e morte, nascemos, vivemos por algum tempo, desfrutando ou sofrendo, depois outra vez abandonamos este corpo e entramos no ventre de outra mãe, seja ela um ser humano ou um animal, quando nos preparamos para adquirir outro corpo, com o qual sairemos do ventre materno e retomaremos nosso trabalho. Isto chama-se *mṛtyu-saṁsāra-vartmani*. Quem quiser evitar este caminho deverá adotar a consciência de Kṛṣṇa.

Quando perguntaram a Yudhiṣṭhira Mahārāja: “Que lhe parece mais espantoso neste mundo?” ele respondeu: “A coisa mais impressionante é que todo dia, a cada instante, alguém está morrendo, e, mesmo assim, ninguém acredita que vai morrer”. A cada minuto, a cada segundo, ouvimos falar de entidades vivas que foram para o templo da morte. Homens, insetos, animais, pássaros, todos vão para lá. Por isso, este mundo chama-se *mṛtyuloka* — o planeta da morte. Os funerais sucedem-se dia após dia, basta dar-mo-nos ao incômodo de visitar os cemitérios e os crematórios. Todavia, todos continuam pensando: “Hei de sobreviver de alguma forma”. Apesar de estarmos todos sujeitos à lei da morte, não a levamos a sério. Isto é ilusão. Achando que viveremos para sempre, continuamos fazendo o que bem entendemos, sentindo que jamais nos responsabilizarão por isso. Esta espécie de vida é muito arriscada, e constitui a forma mais profunda de ilusão. Devemos ser muito sérios e compreender que a morte está nos esperando. Sempre ouvimos a expressão: “tão certo como a morte”. Isto quer dizer que, neste mundo, a morte é inevitável. Quando a morte chegar nossa filosofia orgulhosa e nossos diplomas não nos ajudarão. Nesse momento, nosso corpo forte e musculoso e nossa inteligência — que não ligam para nada — são destruídos. Nesse momento, a porção fragmentária (*jīvātmā*) fica sob o controle da natureza material (*prakṛti*), a qual nos fornece o tipo de corpo que merecemos. Se quisermos encarar este risco, podemos evitar Kṛṣṇa; caso contrário, Kṛṣṇa virá ajudar-nos.

3. Conhecimento das energias de Kṛṣṇa

Observe-se aqui que o Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā* destina-se especialmente àqueles que já aceitaram Śrī Kṛṣṇa como a Suprema Personalidade de Deus. Em outras palavras, é um capítulo para devotos. Para quem não aceita Śrī Kṛṣṇa como o Supremo, este Nono Capítulo parecerá algo diferente do que é de fato. Como se afirmou a princípio, o assunto do Nono Capítulo é a parte mais confidencial de todo o *Bhagavad-gītā*. Quem não aceita Kṛṣṇa como o Supremo achará que o capítulo não passa de um exagero. Isto aplica-se especialmente aos versos que descrevem a relação de Kṛṣṇa com Sua criação.

“Sob Minha forma imanifesta, permeio todo este universo. Todos os seres estão em Mim, mas Eu não estou neles” (*Bhagavad-gītā* 9.4).

O mundo que vemos também é energia de Kṛṣṇa. Sua *māyā*. Neste caso, *māyā* quer dizer “por Mim”, como quem diz: “Este trabalho foi feito por mim”. Este “por Mim” não quer dizer que Ele conclui Sua obra e vai embora ou Se aposenta. Se eu inauguro uma grande fábrica e digo: “Fui eu quem inaugurou esta fábrica”, não se deve de forma alguma concluir que eu me perdi ou que não estou mais presente. Mesmo que o fabricante refira-se a seus produtos como tendo sido “fabricados por mim”, isto não quer dizer que ele próprio criou ou construiu seus produtos, mas que eles foram produzidos por sua energia. Analogamente, se Kṛṣṇa diz: “Tudo o que vê no mundo foi criado por Mim”, não devemos supor que Ele deixou de existir.

Não é difícil ver Deus em toda parte da criação, pois Ele está presente em toda parte. Assim como na fábrica Ford os trabalhadores vêem o Sr. Ford em cada canto, quem é bem versado na ciência de Kṛṣṇa pode vê-IO em cada átomo da criação. Tudo repousa em Kṛṣṇa (*mat-sthāni sarva bhūtāni*), mas Kṛṣṇa não está em tudo (*na cāhām teṣv avasthitah*). Kṛṣṇa não é diferente de Sua energia, porém, a energia não é Kṛṣṇa. O sol não é diferente do brilho do sol, mas o brilho do sol não é o sol. Pode ser que o brilho do sol penetre nossa janela e entre em nosso quarto, mas isto não quer dizer que o sol está em nosso quarto. O *Viṣṇu Purāna* afirma: *paraśya brahmaṇaḥ śaktiḥ*. *Paraśya* significa supremo, *brahmaṇaḥ* significa Verdade Absoluta e *śaktiḥ*, energia. A energia do Absoluto Supremo é tudo, porém, Kṛṣṇa não Se encontra nesta energia.

Existem duas classes de energia — a material e a espiritual. As *jīvas*, ou almas individuais, pertencem à energia superior de Kṛṣṇa, porém, por sua propensão a sentirem-se atraídas pela energia material, elas são chamadas de energia marginal. Contudo, na verdade, existem apenas duas energias. Todos os sistemas planetários e universos apóiam-se nas energias de Kṛṣṇa. Assim como todos os planetas no sistema solar apóiam-se no brilho do sol, tudo o que existe na criação apóia-se no brilho de Kṛṣṇa. O devoto sente prazer ao ouvir sobre todas essas potências do Senhor, ao passo que quem tem inveja de Kṛṣṇa rejeita-as. Para o não-devoto, as afirmações de Kṛṣṇa soam como um grande blefe. Por outro lado, o devoto pensa: “Oh! meu Senhor é tão poderoso”, e enche-se de amor e adoração. Segundo pensam os não-devotos, porque Kṛṣṇa diz: “Eu sou Deus”, eles e qualquer outra pessoa podem dizer à mesma coisa. Mas, se lhes pedirmos para revelarem sua forma universal, eles não conseguirão fazê-lo. Isto mostra a diferença entre um pseudo-deus e o Deus verdadeiro. Ninguém pode imitar os passatempos de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa teve 16.000 esposas e manteve-as com todo o conforto em 16.000 palácios, mas, o homem comum não consegue fazer isso nem sequer com uma única esposa. Além de ter falado muitas coisas maravilhosas, Kṛṣṇa também agiu maravilhosamente. Não devemos acreditar em algo que Kṛṣṇa tenha dito ou feito e rejeitar outra coisa: se acreditamos nEle, devemos acreditar em tudo o que se relacione a Ele.

A este respeito, conta-se uma história de Nārada Muni, o qual foi certa vez questionado por um *brāhmaṇa*: “Ah! fiquei sabendo que estás indo ao encontro do Senhor e gostaria que Lhe perguntasses quando é que obterei minha salvação”.

“Está bem”, concordou Nārada. “Assim o farei”.

Mais adiante, Nārada encontrou um sapateiro sentado sob uma árvore a remendar sapatos, e este sapateiro fez o mesmo pedido a Nārada: “Fiquei sabendo que estás indo ao encontro do Senhor. Por favor, pergunta-Lhe quando chegará o dia de minha salvação”.

Já nos planetas Vaikuṅṭha, Nārada Muni, conforme havia prometido, perguntou a Nārāyaṇa (Deus) a respeito da salvação do *brāhmaṇa* e do sapateiro, ao que Nārāyaṇa replicou: “Logo após abandonar o corpo; o sapateiro virá a Mim”.

“E o *brāhmaṇa*?” perguntou Nārada.

“Este terá que permanecer lá por mais uns tantos nascimentos. Não sei quando poderá vir”.

Nārada Muni ficou admirado e, por fim, disse: “Não consigo compreender este mistério”.

“Logo compreenderás”, disse Nārāyaṇa. “Quando eles te perguntarem sobre o que ando fazendo em Minha morada, dize-lhes que estou passando um elefante pelo orifício de uma agulha”.

Quando Nārada regressou à Terra, ele foi ter com o *brāhmaṇa*, que lhe perguntou: “E então? Estiveste com o Senhor? Que estava fazendo?”

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

“Ele estava passando um elefante pelo orifício de uma agulha”, respondeu Nārada.

“Não acredito em semelhante disparate”, replicou o *brāhmaṇa*. Nārada pôde imediatamente compreender que aquele homem não tinha fé e que não passava de um erudito insípido.

A seguir, Nārada foi ter com o sapateiro, que lhe perguntou: “Ah! estiveste com o Senhor? Dize-me, então, que Ele estava fazendo!”

“Estava passando um elefante pelo orifício de uma agulha”, respondeu Nārada.

O sapateiro pôs-se a chorar: “Oh! meu Senhor é tão maravilhoso! Ele pode fazer qualquer coisa”.

“Acreditas realmente que o Senhor possa passar um elefante pelo orifício de uma agulha?” perguntou-lhe Nārada.

“E por que não?” disse o sapateiro, “é claro que acredito”.

“Como!?”

“Bem, como vês, estou sentado debaixo desta figueira-de-bengala”, respondeu o sapateiro, “e podes perceber que dela caem muitos frutos diariamente. Pois bem, em cada semente de cada um desses frutos existe uma figueira-de-bengala como esta. Se dentro de uma pequena semente pode caber uma árvore enorme como esta, é difícil acreditar que o Senhor esteja passando um elefante pelo orifício de uma agulha?”

Isto é o que chamamos de fé. Não se trata de acreditar cegamente. Há uma razão para se ter a crença. Se Kṛṣṇa é capaz de colocar uma árvore enorme dentro de tantas sementinhas, acaso é tão espantoso que Ele esteja mantendo todos os sistemas planetários flutuando no espaço por intermédio de Sua energia?

Embora os cientistas achem que os planetas estão suspensos no espaço simplesmente graças à natureza, por trás da natureza está o Senhor Supremo. A natureza age sob Sua orientação. Como declara Śrī Kṛṣṇa: “Esta natureza material funciona conforme Minha orientação, ó filho de Kuntī, e produz todos os seres móveis e inertes. Por intermédio de seu controle, esta manifestação é criada e aniquilada repetidas vezes” (*Bhagavad-gītā* 9.10).

Mayādhyakṣeṇa significa “sob Minha supervisão”. A natureza material não consegue fazer tantos prodígios se não tem a mão do Senhor orientando-a. Não podemos dar nenhum exemplo de coisas materiais que funcionem por si mesmas. A matéria é inerte, e ela não tem como agir se não é impulsionada pelo espírito. A matéria não pode agir independente ou automaticamente. Talvez os mecanismos das máquinas sejam muito interessantes, porém, a menos que algum homem as acione, elas não podem funcionar. E este homem, que é? Ele é uma centelha espiritual. Sem o estímulo espiritual, nada pode mover-se; portanto, tudo apóia-se na energia impessoal de Kṛṣṇa. Embora Sua energia seja impessoal, Kṛṣṇa é uma pessoa. Costumamos ter notícia de pessoas que fazem prodígios, todavia, a despeito de suas conquistas energéticas, elas continuam sendo pessoas. Se isto é possível para seres humanos, por que não o seria para o Senhor Supremo? Todos nós somos pessoas, só que dependemos de Kṛṣṇa, a Pessoa Suprema.

Muitas vezes vemos gravuras de Atlas, um homem musculoso que carrega um grande planeta sobre os ombros e se esforça muito para mantê-lo suspenso. Talvez pensemos que, pelo fato de Kṛṣṇa estar mantendo o universo, Ele está fazendo o mesmo esforço que Atlas.

Mas não é bem assim. “E, mesmo assim, nada do que é criado repousa em Mim. Vê só a Minha opulência mística. Embora Eu seja o mantenedor de todas as entidades vivas e embora Eu esteja em toda parte, mesmo assim, Meu Eu é a própria fonte da criação” (*Bhagavad-gītā* 9.5).

Embora todos os seres no universo se apoiem na energia de Kṛṣṇa, mesmo assim, eles não estão nEle. Kṛṣṇa mantém todas as entidades vivas e Sua energia é onipenetrante, todavia, Ele está em outra parte. Este é o inconcebível poder místico de Kṛṣṇa. Ele está em toda parte, todavia, mantém-Se à parte de tudo. Mesmo podendo perceber Sua energia, não podemos vê-lo, pois nossos olhos materiais não têm essa capacidade. Porém, quando desenvolvemos nossas qualidades espirituais, santificamos nossos sentidos de maneira que, mesmo dentro desta energia, possamos vê-lo. A eletricidade, por exemplo, está em toda parte, e um eletricitista sabe como utilizá-la. Analogamente, a energia do Senhor Supremo está em toda parte, e, ao situarmo-nos na transcendência, podemos ver Deus, face a face, em toda parte. Essa espiritualização dos sentidos é possível através do serviço devocional e do amor a Deus. O Senhor é onipenetrante em todo o universo e encontra-Se dentro da alma, do coração, da água, do ar — em toda parte. Assim, se fazemos uma imagem de Deus com algum elemento — argila, pedra, madeira ou o que for — não devemos considerá-la uma simples estátua. Essa imagem também é Deus. Se tivermos devoção suficiente, a imagem também falará conosco. Deus está em toda parte impessoalmente (*māyā tatam idam sarvam*), porém, se fizermos Sua forma pessoal com algum elemento, ou se criarmos uma imagem de Deus dentro de nós mesmos, Ele estará presente em pessoa diante de nós. Os *śāstras* recomendam oito espécies de imagens, sendo que qualquer uma dessas imagens pode ser adorada porque Deus está em toda parte. Talvez alguém proteste e questione: “Por que deveríamos adorar Deus através de imagem em vez de adorá-lo sob Sua forma espiritual original?” A resposta é que não podemos ver Deus imediatamente sob Sua forma espiritual.

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

Nossos olhos materiais só nos permitem ver pedras, argila, madeira, — algo tangível. Por isso, Kṛṣṇa aparece como *arcā-vigraha*, uma forma autorizada apresentada pelo Senhor Supremo a fim de que possamos vê-IO. Resultado: se nos concentrarmos na imagem e Lhe fizermos oferendas com amor e devoção, Kṛṣṇa corresponderá por intermédio da imagem.

Muitos exemplos provam que isto já aconteceu. Na Índia, existe um templo chamado Sākṣi-Gopāla (Kṛṣṇa também é conhecido como Gopāla). A *mūrti* ou estátua de Gopāla encontrava-se certa vez num templo de Vṛndāvana. Dois brāhmaṇas um idoso e um jovem, foram visitar Vṛndāvana em peregrinação. A viagem foi longa, e naquela época não havia ferrovias, de modo que os viajantes passavam por muitas dificuldades. O homem idoso ficou muito agradecido ao jovem por este tê-lo ajudado durante a viagem e, ao chegar a Vṛndāvana, ele disse a seu acompanhante: “Meu caro rapaz, prestaste-me muito serviço e não sei como agradecer-te por isto. Eu gostaria muito de poder retribuir-te por esse serviço, dando-te alguma recompensa”.

“Meu caro senhor”, disse o rapaz, “és um homem idoso como meu pai. Portanto, é meu dever servir-te. Não preciso ser recompensado por isto”.

“Não, estou agradecido e sinto que devo recompensar-te”, insistiu o velho. Então, prometeu dar sua jovem filha em casamento ao rapaz.

O velho era muito rico, ao passo que o rapaz, apesar de ser um *brāhmaṇa* erudito, era muito pobre. Levando isto em consideração, o rapaz disse: “Não faças esta promessa, pois tua família jamais concordará com isso. Eu sou um homem tão pobre e tu és um aristocrata, logo, este matrimônio não ocorrerá. Por favor, não faças esta promessa perante a Deidade”.

Os dois conversavam no templo, perante a Deidade de Gopāla Kṛṣṇa, e o rapaz não queria ofender a Deidade. Contudo, a despeito das súplicas do rapaz, o velho insistia em manter a promessa do casamento. Após permanecerem em Vṛndāvana por algum tempo, eles finalmente regressaram ao lar, e o velho informou a seu filho mais velho que sua jovem irmã casar-se-ia com o *brāhmaṇa* pobre. O filho mais velho ficou muito irritado. “Mas como foste escolher aquele pobretão para casar-se com minha irmã? Assim não pode ser!”

A esposa do velho também veio falar com ele: “Se casares nossa filha com esse rapaz, cometerei suicídio”.

Assim, o velho ficou perplexo. Passado algum tempo, o jovem *brāhmaṇa* ficou muito preocupado. “Ele prometeu casar sua filha comigo, e foi uma promessa perante a Deidade. Por que será que ainda não veio cumpri-la?” Resolveu, então, ir falar com o velho e lembrá-lo de sua promessa.

“Fizeste uma promessa perante o Senhor Kṛṣṇa”, disse o rapaz, “e ainda não a cumpreste. Que está acontecendo?”

O velho ficou calado. Começou a orar a Kṛṣṇa, pois estava confuso. Para não criar um distúrbio na família, não queria mais casar sua filha com o rapaz. Nisso, apareceu o filho mais velho, que começou a acusar o jovem *brāhmaṇa*: “Tu roubaste meu pai no lugar de peregrinação. Tu o embriagaste e tiraste-lhe todo o dinheiro, e agora ainda vens dizer que ele prometeu dar-te minha irmã caçula em casamento. Patife!”

Dessa maneira, formou-se uma grande confusão, e começou a aparecer gente para ver o que havia. O rapaz percebeu que o velho não retrocedera em sua decisão mas que a família estava dificultando as coisas. As pessoas começaram a juntar-se no local por causa da discussão provocada pelo filho mais velho, e o jovem *brāhmaṇa* passou a exclamar que o velho fizera aquela promessa perante a Deidade mas que ele não queria cumpri-la devido à objeção da família. O filho mais velho, que era ateu, interrompeu o rapaz e disse:

“Tu dizes que o Senhor foi testemunha disso. Pois bem, se Ele vier e der testemunho dessa promessa, dar-te-emos nossa irmã em casamento”.

O rapaz replicou: “Sim, pedirei que Kṛṣṇa venha dar Seu testemunho”. Ele estava confiante de que Deus viria. Então, foi feito um acordo perante todos os presentes, de que a moça lhe seria dada em casamento se Kṛṣṇa viesse de Vṛndāvana como testemunha da promessa do velho.

O jovem *brāhmaṇa* regressou a Vṛndāvana, onde começou a orar a Gopāla Kṛṣṇa. “Querido Senhor, precisas vir comigo”. Ele era um devoto tão resoluto que falava com Kṛṣṇa assim como alguém falaria com um amigo. Para ele, Gopāla não era apenas uma estátua ou uma imagem, mas sim o próprio Deus. De repente, a Deidade falou-lhe:

“Como achas que poderei acompanhar-te? Eu sou uma estátua. Não posso ir a parte alguma”.

“Bem, se uma estátua pode falar, pode também caminhar”, replicou o rapaz.

“Está bem, então”, disse finalmente a Deidade. “Irei contigo, mas com uma condição. Não deverás de forma alguma virar-te para olhar-Me. Eu te acompanharei, e saberás disso pelo tilintar dos sinos de Meus tornozelos”.

O rapaz concordou, e dessa maneira ambos saíram de Vṛndāvana em direção à outra cidade. Quase no

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

final da viagem, bem pertinho da entrada da aldeia do rapaz ele deixou de ouvir o som dos sinos e se apavorou. “Oh! onde está Kṛṣṇa?” Não conseguindo se conter mais, virou-se para trás. Então, viu a estátua parada, bem atrás dele. Por ter olhado para trás, ela não iria prosseguir. Ele correu imediatamente para a cidade, onde pediu que todos viessem ver Kṛṣṇa, a testemunha. Todos ficaram espantados ao verem que uma estátua tão grande percorreria toda aquela distância, e assim construíram um templo no local em honra à Deidade, e até hoje adoram Sākṣi-Gopāla, o Senhor-testemunha.

Portanto, devemos concluir que, como está em toda parte, Deus também está em Sua estátua, na imagem feita à semelhança dEle. Se Kṛṣṇa está em toda parte, como até os impersonalistas admitem, por que, então, não estará em Sua imagem? Agora, se a imagem ou estátua vai falar ou não conosco, isto dependerá do grau de nossa devoção. Mas se preferirmos ver a imagem como uma mera escultura de madeira ou pedra, Kṛṣṇa sempre permanecerá como madeira ou pedra para nós. Kṛṣṇa está em toda parte, porém, conforme avançarmos em consciência espiritual, passaremos a vê-lo como Ele é. Ao colocarmos uma carta na caixa de correio, ela chegará a seu destino porque a caixa de correio é autorizada. De forma semelhante, se adorarmos uma imagem autorizada de Deus, nossa fé surtirá algum efeito. Se nos dispusermos a observar as diversas regras e regulações — quer dizer, se nos qualificarmos — ser-nos-á possível ver Deus em qualquer lugar. Devido à presença de Seu devoto, Kṛṣṇa, mediante Suas energias onipresentes, manifestar-Se-á em qualquer lugar, porém, na ausência de Seu devoto, Ele não fará isto. Muitos incidentes ilustram este fato. Prahāda Mahārāja viu Kṛṣṇa numa pilastra. Existem muitos outros exemplos de que Kṛṣṇa está em toda parte: basta termo-nos qualificado para vê-lo.

O próprio Kṛṣṇa dá o seguinte exemplo de Sua onipresença: “Assim como o vento poderoso, soprando em todas as direções, sempre repousa no espaço etéreo, fica sabendo que, da mesma maneira, todos os seres repousam em Mim” (*Bhagavad-gītā* 9.6).

Todos sabem que o vento sopra no espaço, bem como em todos os cantos da Terra. Não há lugar onde não haja ar nem vento. Se queremos evitar o ar, temos que criar um vácuo artificialmente, com a ajuda de uma máquina. Assim como o ar sopra em todos os cantos do espaço, da mesma forma, tudo existe dentro de Kṛṣṇa. Se é assim, para onde vai a criação material ao dissolver-se?

*sarva-bhūtāni kaunteya / prakṛtiṁ yānti māmikāṁ
kalpa-kṣaye punas tāni / kalpādaṁ visṛjāmy aham*

“Ó filho de Kuntī, ao final do milênio, toda a manifestação material imerge em Minha natureza, e, no começo do outro milênio, por intermédio de Minha potência, Eu crio outra vez” (*Bhagavad-gītā* 9.7).

Kṛṣṇa aciona Sua natureza (*prakṛti*) assim como alguém dá corda em um relógio, e, quando a natureza se dissolve, ela imerge no Senhor. A criação espiritual, contudo, não é assim, pois é permanente. Na criação material tudo é temporário. Assim como nossos corpos desenvolvem-se devido à centelha espiritual que existe dentro deles, de modo semelhante, toda a criação material surge, desenvolve-se e desaparece devido ao espírito do Senhor que está dentro dela. Assim como nosso espírito está presente dentro do corpo, o Senhor está presente dentro do universo como Paramātmā. Devido à presença de Kṣīrodakaśāyī Viṣṇu é que existe a criação material, tanto como nossos corpos existem devido à nossa presença. As vezes, Kṛṣṇa manifesta a criação material e, às vezes, não. De qualquer modo, a existência da criação deve-se à presença de Kṛṣṇa.

4. Conhecimento por meio dos mahātmās, grandes almas

A presença de Kṛṣṇa em todos os aspectos da criação é percebida pelos *mahātmās*, as grandes almas, que estão sempre adorando Kṛṣṇa. Conforme declara o próprio Kṛṣṇa, essas grandes almas são versadas no conhecimento confidencial encontrado no Nono Capítulo do *Bhagavad-gītā*, e sabem que Kṛṣṇa é a fonte de todas as coisas.

*mahātmānas tu mām pārtha / daivīm prakṛtim āśritāḥ
bhajanty ananya-manaso / jñātvā bhūtādim avyayam*

“Ó filho de Pṛthā, aqueles que não se iludem, as grandes almas, vivem sob a proteção da natureza divina. Eles se dedicam plenamente ao serviço devocional porque sabem que Eu sou a Suprema Personalidade de Deus, original e inexaurível” (*Bhagavad-gītā* 9.13).

A grande alma não tem dúvida de que Kṛṣṇa é a Suprema Personalidade de Deus e a origem de todas as emanções. Como afirma o *Vedānta-sūtra*: *athāto brahma-jijñāsā*: a vida humana é feita para indagarmos acerca de Brahman. Hoje em dia, dedicamo-nos a estudar coisas fúteis e temporárias. Brahman quer dizer o maior, porém, ao invés de nos interessarmos pelo maior, temos perdido nosso tempo, procurando resolver problemas, também comuns ao reino animal, como comer, dormir, defender-se e acasalar-se. Esses pequenos problemas são resolvidos naturalmente. Mesmo os animais desfrutam de acasalar-se, dormir, comer e defender-se. A própria natureza lhes proporciona isto. Essas exigências do corpo não chegam a ser problemas de verdade, mas nós as transformamos em problemas.

O *Vedānta-sūtra* orienta-nos a que não nos preocupemos com esses problemas, pois eles são resolvidos em qualquer forma de vida. Nosso problema é indagar acerca da fonte de todas essas manifestações. A forma de vida humana não se destina à árdua luta para resolver os problemas materiais que mesmo um porco, comedor de excremento, pode resolver. O porco é considerado o mais baixo dos animais, todavia, ele tem recursos para comer, acasalar-se, dormir e defender-se. Mesmo que não lutemos por essas coisas, nós as conseguiremos. O homem destina-se, antes, a descobrir a fonte da qual provêm todas essas coisas. O *Vedānta-sūtra* afirma que Brahman é a fonte de onde tudo emana (*janmādy asya yataḥ*). Filósofos, cientistas, *yogīs*, *jñānīs* e transcendentalistas, todos estão tentando descobrir a fonte última de tudo. Esta fonte é revelada no *Brahma-saṁhitā* como *sarva-kāraṇa-kāraṇam*: Kṛṣṇa é a causa de todas as causas.

Compreendendo que Kṛṣṇa é a fonte primordial de tudo, como agem as grandes almas? O próprio Kṛṣṇa caracteriza-as como segue:

*satatam kīrtayanto mām / yatantaś ca dṛḍha-vratāḥ
namasyantaś ca mām bhaktyā / nitya-yuktā upāsate*

“Sempre cantando Minhas glórias, esforçando-se com muita determinação, prostrando-se ante Mim, essas grandes almas perpetuamente adoram-Me com devoção” (*Bhagavad-gītā* 9.54).

Esta glorificação é o processo de *bhakti-yoga*, o cantar de Hare Kṛṣṇa. As grandes almas, compreendendo a natureza de Deus, Seu advento e Sua missão, glorificam-nO de muitas maneiras, porém, existem pessoas que não O aceitam. Kṛṣṇa também faz menção delas no Nono Capítulo: “Os tolos zombam de Mim quando advenho sob a forma humana. Eles ignoram Minha natureza transcendental e Meu domínio supremo sobre tudo o que existe” (*Bhagavad-gītā* 9.11).

Os *mūḍhas*, ou homens tolos, que são inferiores aos animais, zombam dEle. Qualquer pessoa que não acredite em Deus deve ser, ou um louco, ou o tolo número um. Não há por que não acreditar em Deus, e tudo nos leva a acreditar nEle. Talvez alguém diga não acreditar em Deus, mas quem lhe deu o poder para dizer isto? Esta faculdade de falar cessa à hora da morte — mas que pessoa a está proporcionando? Acaso a faculdade de falar surgiu de uma pedra? Assim que a Autoridade Suprema retira a capacidade de falar, o corpo fica como se fosse uma pedra. A própria capacidade de falar prova que existe um Poder Supremo que nos está fornecendo tudo. Uma pessoa consciente de Kṛṣṇa sabe que não tem controle sobre as coisas que possui. Se não cremos em Deus, pelo menos precisamos admitir a existência de um poder superior a nós, que nos controla a cada passo, e chamar esse poder de Deus, ou de natureza, ou do que quisermos. Em suma, nenhum ser humano sensato pode negar que existe um poder controlando o universo.

Quando Kṛṣṇa esteve presente na Terra, parecia um ser humano dotado de poderes sobrenaturais. Naquela época, contudo, noventa e nove por cento das pessoas não O reconheceram como Deus. E não o fizeram porque lhes faltava a visão adequada (*param bhāvam ajānantah*). Como é possível reconhecer Deus? Mediante poderes sobrenaturais, por meio da evidência das escrituras e por intermédio do veredicto das

autoridades. Quanto a Kṛṣṇa, todas as autoridades védicas aceitam-no como Deus. Quando de Sua presença na Terra, as atividades por Ele executadas foram sobrenaturais. Se alguém não acreditar nisto, deve-se concluir que não acreditará em nenhuma evidência que se possa dar.

Se queremos ver Deus, devemos também ter a visão adequada. Já que não podemos ver Deus com nossos sentidos materiais, o processo de *bhakti-yoga* é o processo purificador dos sentidos e que nos permite, portanto, compreender a posição e a personalidade de Deus. Temos capacidade de ver, ouvir, tocar, saborear e assim por diante, todavia, mantendo esses sentidos embotados, não nos é possível compreender Deus. O processo de consciência de Kṛṣṇa consiste em treinar esses sentidos por intermédio de princípios regulativos, especificamente por meio do cantar de Hare Kṛṣṇa.

Śrī Kṛṣṇa apresenta outras características dos *mūḍhas*: “Essas pessoas confusas sentem-se atraídas por pontos de vista ateístas e demoníacos. Iludidas a este ponto, vêem frustrar-se suas esperanças de liberação, suas atividades frutivas e seu cultivo de conhecimento” (*Bhagavad-gītā* 9.52).

A palavra *moghāṣa* indica que as aspirações dos ateístas serão frustradas. Os *karmīs*, ou trabalhadores frutivos, vivem na esperança de conseguirem algo melhor para o gozo de seus sentidos. Suas aspirações praticamente não têm limites. Eles procuram aumentar o saldo bancário e esperam ser felizes algum dia, só que esse dia nunca chega, porque a busca deles é insaciável. Aqueles que se deixam seduzir pelas atrações da energia ilusória não podem compreender a meta última da vida. A expressão *mogha-karmāṇaḥ* mostra que, apesar de se esforçarem tanto, no final eles só terão frustrações. A menos que nos estabeleçamos em consciência de Kṛṣṇa, todas as nossas atividades acabarão por nos frustrar.

Não é um homem comum quem diz isto, mas sim o próprio Śrī Kṛṣṇa. Se nossa intenção é adquirir conhecimento, devemos pesquisar para ver se Kṛṣṇa é ou não é Deus. De que adiantam milhares de anos de especulação sem objetivo algum? O Senhor Supremo é tão vasto que não se pode abrangê-lo através da especulação mental. Se viajarmos à velocidade da mente e do vento por milhões de anos, não nos será possível alcançar o Supremo mediante a especulação. Não há registro de sequer uma pessoa que tivesse alcançado a Suprema Verdade Absoluta por meio de sua própria especulação mental. Portanto, a expressão *mogha-jñānāḥ* indica que o processo de conhecimento mundano só faz confundir-nos. Por intermédio de nosso próprio esforço, não temos condição de ver o sol depois que ele se põe. Somos obrigados a esperar até que o sol se revele ao nascer da manhã. Se não temos condição de, com nossos sentidos limitados, perceber algo material como o sol, como poderemos perceber o que não é material? Não podemos descobrir ou entender por meio de nosso próprio esforço. Precisamos qualificar-nos por intermédio da consciência de Kṛṣṇa e esperar que Ele Se revele a nós.

“Aqueles que se dedicam constantemente a Mim e Me adoram com amor, Eu dou a compreensão mediante a qual eles podem vir a Mim” (*Bhagavad-gītā* 10.10).

Embora Kṛṣṇa esteja dentro de nós, devido ao nosso condicionamento material, não percebemos isso. Aqueles cuja natureza é hostil e demoníaca (*rākṣīm āsurīm*) acham que esta vida material é tudo e que o objetivo da vida humana é tirar tanto prazer da matéria quanto possível. Eles espremem a natureza material, mas vivem sendo frustrados. Não é espremendo a natureza material que iremos descobrir o verdadeiro prazer. Caso queiramos o verdadeiro prazer, devemos adotar a consciência de Kṛṣṇa. No mundo material, toda felicidade tem seu começo e seu fim, mas, em consciência de Kṛṣṇa, a felicidade é ilimitada e sem fim. Se quisermos obter esta felicidade, simplesmente precisamos sacrificar um pouco de nosso tempo e cantar Hare Kṛṣṇa. Em outras eras, grandes sábios e semideuses costumavam sacrificar suas vidas inteiras para compreenderem o Supremo, e nem sempre tinham sucesso. Para esta era, Caitanya Mahāprabhu recomenda um processo fácil de compreensão de Deus. A única coisa necessária é ouvir atentamente. Devemos ouvir o *Bhagavad-gītā* e devemos cantar os nomes de Kṛṣṇa, ouvindo-os com atenção. Não devemos ser orgulhosos, pensando falsamente que temos muito conhecimento ou que somos muito eruditos. Precisamos apenas ser bem educados e submissos para ouvir as mensagens de Kṛṣṇa.

Atualmente, este mundo é administrado pelos *rākṣasas*. Os *rākṣasas* são canibais comedores de seus próprios filhos para a satisfação de seus sentidos. Grandes regimes têm sido criados para prejudicar tantas pessoas em benefício da satisfação dos sentidos dos *rākṣasas*, mas eles não percebem que seus sentidos jamais ficarão satisfeitos desta maneira. Não obstante, os *rākṣasas* estão dispostos a sacrificar tudo se é para satisfazer seus desejos caprichosos. Eles têm muita dificuldade de compreender o que está acontecendo de fato porque estão muito fascinados pela civilização material. Então, quem poderá compreender? Os *mahātmās*, cujos corações se abriram para a transcendência, entendem que “tudo pertence a Deus, e eu também pertenço a Deus”.

Semelhantes *mahātmās* não estão sob o controle da natureza material (*mahātmānas tu mām pārtha daiivīm prakṛtim āśritāḥ*). Deus é grande e o coração do *mahātmā* também torna-se grande servindo ao grande. *Mahātmā* não é o carimbo de um líder político. Não são votos que fazem de alguém um *mahātmā*.

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

O *Bhagavad-gītā* estabelece o padrão do *mahātmā*: *mahātmā* é aquele que se refugiou na energia superior do Senhor. Evidentemente, todas as energias são dEle, e Ele não faz distinções entre a energia espiritual e a energia material. Porém, no caso da alma condicionada, situada marginalmente entre a energia material e a energia espiritual, faz-se uma distinção. Os *mahātmās* percebem esta distinção e, por isso, refugiam-se na energia espiritual (*daivīm prakṛtim*).

Servindo ao grande, os *mahātmās* também tornam-se grandes, identificando-se com a energia superior: “Eu sou Brahman — espírito” (*aham brahmāsmi*). Isto não quer dizer que eles ficam orgulhosos e passam a achar que são Deus. Pelo contrário, quem se torna Brahman deve demonstrar suas atividades em Brahman. O espírito é ativo, logo, tornar-se Brahman não significa tornar-se inativo. Brahman é espírito, e esses corpos materiais só são ativos por terem Brahman dentro deles. Se somos ativos a despeito de nosso contato com a natureza material, por acaso deixamos de ser ativos quando nos purificamos das contaminações materiais e nos estabelecemos em nossa identidade como Brahman puro? Compreender “Eu sou Brahman” significa ocupar-se em atividades espirituais, pois somos, espírito, e nossas atividades manifestam-se, mesmo que estejamos contaminados pela matéria. Tornar-se Brahman não significa desintegrar-se, mas sim estabelecermo-nos na natureza superior, o que significa ocuparmo-nos nas atividades superiores da energia superior. Tornar-se Brahman significa ocupar-se completamente em prestar serviço devocional ao Senhor. Deste modo, o *mahātmā* compreende que, se tiver que prestar serviço, que este seja prestado a Kṛṣṇa, e a ninguém mais. Por tanto tempo servimos a nossos sentidos agora devemos servir a Kṛṣṇa.

Não temos condição de parar de servir, pois fomos feitos para servir. Existe alguém que não está servindo? Se perguntarmos ao Presidente: “A quem o senhor está servindo?” Ele nos dirá que está servindo à nação. Ninguém fica sem servir. Não podemos parar de servir, mas precisamos reorientar nosso serviço, trocando a ilusão pela realidade. Fazendo isto, viramos *mahātmās*.

O processo de *kīrtana* (*kīrtanyantahī*), de sempre cantar as glórias do Senhor, é o começo do processo do *mahātmā*. O Senhor Caitanya Mahāprabhu simplificou este processo ao apresentar à humanidade o cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Existem nove processos diferentes de serviço devocional, dos quais *śravaṇam kīrtanam*, ouvir e cantar, são os mais importantes. Na verdade, *kīrtana* significa “descrever”. Podemos fazer descrição musical, verbal, visual, etc. *Śravaṇa* acompanha *kīrtana*, pois, sem ouvir nada podemos descrever. Não é necessária nenhuma qualificação material para se alcançar o Supremo. Basta ouvirmos de fontes autorizadas e repetir rigorosamente o que ouvimos.

Outrora, o estudante ouvia os *Vedas* recitados pelo mestre espiritual, e em virtude disso os *Vedas* tornaram-se conhecidos como *śruti*, “aquilo que se ouve”. No *Bhagavad-gītā* por exemplo, Arjuna ouve no campo de batalha. Ele não está estudando a filosofia *Vedānta*. Podemos ouvir as palavras da Autoridade Suprema em qualquer lugar, mesmo num campo de batalha. Conhecimento, recebe-se, não é inventado. Certas pessoas pensam: “Por que deveria eu dar-Lhe ouvidos? Posso pensar sozinho. Posso inventar algo novo”. Este, porém, não é o processo védico de conhecimento descendente. Mediante o conhecimento ascendente, a pessoa tenta elevar-se por seu próprio esforço. Através do conhecimento descendente, contudo, recebemos o conhecimento de uma fonte superior. Na tradição védica, o mestre espiritual encarrega-se de transmitir conhecimento ao discípulo, tal como ocorre no *Bhagavad-gītā* (*evam paramparā-prāptam imam rājarṣayo viduḥ*). A audição submissa tem tanto poder que, pelo simples fato de ouvirmos de fontes autorizadas, aperfeiçoamo-nos inteiramente. Sendo submissos, conscientizamo-nos de nossas próprias imperfeições. Em nosso estado condicionado, estamos sujeitos a quatro classes de imperfeições: fatalmente cometemos erros, ficamos iludidos, temos sentidos imperfeitos e enganamos. Portanto, é uma futilidade tentarmos compreender a Verdade Absoluta com nossos sentidos deficientes e nossa experiência limitada. Precisamos ouvir de um representante de Kṛṣṇa que seja devoto de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa fez de Arjuna um representante Seu porque Arjuna era Seu devoto: *bhaktō 'si me sakhā ceti* (*Bhagavad-gītā* 4.3).

Ninguém pode tornar-se representante de Deus sem ser devoto de Deus. A pessoa que pensa: “Eu sou Deus” não pode representá-lo. Por sermos partes integrantes de Deus, temos as mesmas qualidades que Ele, e por isso, se estudarmos essas qualidades em nós mesmos, acabaremos aprendendo algo sobre Deus. Isto não quer dizer que compreenderemos a quantidade de Deus. Este processo de auto-realização é uma maneira de compreendermos Deus, mas não devemos em hipótese alguma pregar: “Eu sou Deus”. Não podemos afirmar ser Deus se não conseguirmos revelar os poderes de Deus. Quanto a Kṛṣṇa, Ele provou ser Deus demonstrando muitíssimo poder e revelando Sua forma universal a Arjuna. Kṛṣṇa mostrou esta forma impressionante a fim de desanimar as pessoas que no futuro tencionassem assumir a posição de Deus. Não devemos nos deixar enganar por alguém que afirma ser Deus; seguindo os passos de Arjuna, devemos pedir para ver a forma universal antes de aceitar alguma pessoa como Deus. Só um tolo aceitaria outro tolo como Deus.

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

Ninguém pode equiparar-se a Deus, e não há ninguém superior a Ele. Mesmo o Senhor Brahmā e Śiva, os mais elevados dos semideuses, são-Lhe subservientes e prestam-Lhe respeitadas reverências. Em vez de tentarmos virar Deus através deste ou daquele processo de meditação, é melhor que ouçamos submissamente sobre Deus e tentemos compreender tanto Ele quanto nossa relação com Ele. Nem o representante de Deus nem a encarnação de Deus jamais afirmam ser Deus, mas sim servos de Deus. Esta é a característica do representante fidedigno.

Podemos descrever tudo o que aprendemos a respeito de Deus da parte de fontes autorizadas, e isso ajudar-nos-á a avançar no caminho espiritual. Esta descrição chama-se *kīrtana*. Ao tentarmos repetir o que ouvimos, estabelecemo-nos em conhecimento. Praticando o processo de *śravaṇam kīrtanam*, ouvir e cantar, podemos livrar-nos do condicionamento material e atingir o reino de Deus. Na era atual, é impossível praticar sacrifício, especulação ou *yoga*. O único caminho aberto para nós é o de ouvir submissamente de fontes autorizadas. Foi assim que os *mahātmās* receberam o conhecimento mais confidencial. Arjuna também recebeu-o de Kṛṣṇa desta maneira, e a nós recomenda-se o mesmo processo, o de receber conhecimento a partir da sucessão discipular proveniente de Arjuna.

5. Paramparā: conhecimento através da sucessão discipular

*śrī bhagavān uvāca
imaṁ vivasvate yogam / proktavān aham avyayam
vivasvān manave prāha / manur ikṣvākave 'bravīt*

“O bem-aventurado Senhor disse: Ensinei esta imperecível ciência da *yoga* ao deus do Sol, Vivasvān, e este ensinou-a a Manu, o pai da humanidade, que, por sua vez, ensinou-a a Ikṣvāku” (*Bhagavad-gītā* 4.1).

Há muitos anos, Kṛṣṇa transmitiu o conhecimento divino do *Bhagavad-gītā* a Vivasvān, o deus do Sol. Pelo que costumam nos dizer, o sol é um lugar muito quente, e não consideramos que seja possível alguém viver lá. Nem sequer é possível chegar bem perto do sol com os corpos que temos. Contudo, os textos védicos explicam que o sol é um planeta tanto quanto o nosso o é, mas que tudo lá é composto de fogo. Assim como o elemento predominante neste planeta é a terra, há outros planetas onde os elementos predominantes são o fogo, a água e o ar.

As entidades vivas desses diversos planetas adquirem corpos compostos de elementos compatíveis com o elemento predominante no planeta; logo, os seres que vivem no sol têm corpos compostos de fogo. De todos os habitantes do sol, a personalidade principal é um deus chamado Vivasvān. Ele é conhecido como o deus do sol (*sūrya-nārāyaṇa*). Assim como em cada país há um chefe de estado, todos os planetas também são presididos por suas respectivas personalidades principais. O texto histórico chamado *Mahābhārata* relata que outrora, neste planeta, governava um único rei, chamado Mahārāja Bharata. Ele governou há cerca de 5.006 anos, e o planeta recebeu um nome em homenagem a ele (Bhāratavarṣa). Mais recentemente, a Terra foi dividida em muitos países diferentes. Dessa maneira, cada planeta do universo tem um controlador e, às vezes, muitos controladores.

Este primeiro verso do Quarto Capítulo do *Bhagavad-gītā* nos ensina que, milhões de anos atrás, Śrī Kṛṣṇa transmitiu o conhecimento de *karma-yoga* a Vivasvān, o deus do Sol. Śrī Kṛṣṇa, agora transmitindo os ensinamentos do *Bhagavad-gītā* a Arjuna, indica neste verso que os mesmos ensinamentos, longe de serem algo novo, foram apresentados muitos anos atrás num planeta diferente. Vivasvān, por sua vez, repetiu esses ensinamentos para seu filho, Manu. Manu transmitiu o conhecimento novamente a seu discípulo Ikṣvāku. Mahārāja Ikṣvāku foi um grande rei e antepassado do Senhor Rāmacandra. O que se está tentando dizer aqui é que, se quisermos aprender o *Bhagavad-gītā* e tirar benefício deste aprendizado deveremos adotar o processo para compreendê-lo, processo este descrito aqui. Ao falar o *Bhagavad-gītā* para Arjuna, Kṛṣṇa não o está fazendo pela primeira vez. As autoridades védicas calculam que o Senhor, há aproximadamente quatrocentos milhões de anos, transmitiu essas instruções divinas a Vivasvān. O *Mahābhārata* dá a entender que o *Bhagavad-gītā* foi transmitido a Arjuna há aproximadamente 5.000 anos. Antes de Arjuna, os mesmos ensinamentos foram transmitidos através da sucessão discipular, só que, passado um período tão longo, os ensinamentos ficaram perdidos.

*evam paramparā-prāptam / imaṁ rājarṣayo viduḥ
sa kāleneha mahatā / yogo naṣṭaḥ parantapa
sa evāyam māyā te 'dya / yogaḥ proktaḥ purāṇaḥ
bhakto 'si me sakhā ceti / rahasyam hy etad uttamam*

“Esta ciência suprema foi assim recebida através da corrente de sucessão discipular, e os reis santos compreenderam-na deste modo. Porém, no transcorrer do tempo, a sucessão rompeu-se, e por isso a ciência como ela é parece estar perdida. Agora, transmito-te esta antiquíssima ciência da relação com o Supremo porque és Meu devoto, bem como Meu amigo; logo, podes compreender o mistério transcendental desta ciência” (*Bhagavad-gītā* 4.2-3).

O *Bhagavad-gītā* trata de diversos sistemas de *yoga* — *bhakti-yoga*, *karma-yoga*, *jñāna-yoga*, *haṭha-yoga* — e por isso aqui fala-se de *yoga*. A palavra *yoga* significa “vincular-se”, e a idéia é que, praticando *yoga*, vinculamos nossa consciência com Deus. Trata-se de um método de reunirmo-nos com Deus, ou de restabelecermos nossa relação com Ele. No transcurso do tempo, esta *yoga* transmitida por Śrī Kṛṣṇa ficou perdida. Como isto foi possível? Por acaso não havia sábios eruditos na época em que Kṛṣṇa teve Seu diálogo com Arjuna? Não, muitos sábios estavam presentes na época: “Perdido”, neste contexto, quer dizer que o significado do *Bhagavad-gītā* estava perdido. Talvez os intelectuais apresentem sua própria interpretação do

Bhagavad-gītā, analisando-o para favorecer seus próprios caprichos, mas isto não é o *Bhagavad-gītā*. É isto o que Kṛṣṇa está enfatizando, e o estudante do *Bhagavad-gītā* deve atentar para isto. Talvez alguém seja um ótimo intelectual do ponto de vista material, porém, isto não o qualifica para comentar o *Bhagavad-gītā*. Caso queiramos compreender o *Bhagavad-gītā*, precisamos aceitar o princípio da sucessão discipular (*paramparā*). É necessário que assimilamos o espírito do *Bhagavad-gītā*, ao invés de abordá-lo simplesmente do ponto de vista da erudição.

Por que, de todas as pessoas, Śrī Kṛṣṇa escolheu Arjuna como receptáculo deste conhecimento? Arjuna não era de forma alguma um grande erudito, nem era *yogī* meditador ou homem santo. Ele era um guerreiro prestes a participar de uma batalha. Havia muitos grandes sábios vivendo na época, e Śrī Kṛṣṇa poderia ter transmitido o *Bhagavad-gītā* a eles. A resposta é que, apesar de ser um homem comum, Arjuna tinha uma grande qualificação: *bhaktō 'si me sakhā ceti* — “És meu devoto e Meu amigo”. Esta era a qualificação excepcional de Arjuna, uma qualificação que os sábios não tinham. Arjuna sabia que Kṛṣṇa era a Suprema Personalidade de Deus, motivo pelo qual rendeu-se a Ele, aceitando-O como seu mestre espiritual. Quem não é devoto do Senhor Kṛṣṇa não tem possibilidade de compreender o *Bhagavad-gītā*. Quem quiser compreender o *Bhagavad-gītā* não poderá fazê-lo com o auxílio de outros métodos. Deve-se compreender o *Bhagavad-gītā* conforme o método prescrito no próprio *Gītā* exatamente como Arjuna compreendeu-o. Se desejarmos entender o *Bhagavad-gītā* ao nosso próprio modo, ou se desejarmos dar-lhe nossa própria interpretação, talvez isto demonstre a nossa erudição, mas não será o *Bhagavad-gītā*.

Pode ser que, com nossa erudição, consigamos inventar alguma teoria baseada no *Bhagavad-gītā*, tal como fez Mahātmā Gandhi ao interpretar o *Bhagavad-gītā* com a intenção de substanciar sua teoria da não-violência. Como é possível provar que o *Bhagavad-gītā* trata da não-violência? O tema central do *Bhagavad-gītā* gira em torno da relutância de Arjuna em lutar e de como Kṛṣṇa induziu-o a matar seus adversários. De fato, Kṛṣṇa diz a Arjuna que o resultado da guerra já fora decidido pelo Supremo, que as pessoas reunidas no campo de batalha estavam predestinadas a jamais retornar. Era plano de Kṛṣṇa que os guerreiros iriam todos morrer, e Kṛṣṇa deu a Arjuna a oportunidade de receber o mérito pela vitória. Se o *Bhagavad-gītā* proclama que lutar é uma necessidade, como é possível provar que ele defende a não-violência? Tais interpretações são tentativas de distorcer o *Bhagavad-gītā*. Basta o *Gītā* ser interpretado segundo a motivação de algum indivíduo para seu objetivo ficar obscurecido. Afirma-se que não podemos chegar à conclusão da literatura védica valendo-nos de nossa própria lógica e argumentação. Existem muitas coisas que transcendem a jurisdição de nosso sentido de lógica. Quanto às escrituras, diferentes escrituras descrevem a Verdade Absoluta de maneiras diferentes. Se analisarmos todas elas, ficaremos confusos. Existem, também, muitos filósofos, cada um com sua opinião, e eles vivem se contradizendo. Se não é lendo diversas escrituras, dando argumentos lógicos ou propondo teorias filosóficas que se pode compreender a verdade, como, então, pode-se chegar até ela? O fato é que a sabedoria da Verdade Absoluta é muito confidencial, porém, se seguimos as autoridades, poderemos entendê-la.

Na Índia, há sucessões discipulares descendentes de Rāmānujācārya, Madhvācārya, Nimbārka, Viṣṇusvāmī e outros grandes sábios. Os textos védicos são compreendidos por intermédio dos mestres espirituais superiores. Arjuna aprendeu o *Bhagavad-gītā* com Kṛṣṇa, e, se desejamos aprendê-lo também, devemos recorrer a Arjuna, e não a qualquer outra fonte. Qualquer conhecimento que tenhamos do *Bhagavad-gītā* deve coincidir com a maneira como Arjuna o compreendeu. Se compreendermos o *Bhagavad-gītā* à maneira de Arjuna, então nossa compreensão será correta. Este deve ser o critério para nosso estudo do *Bhagavad-gītā*. Para realmente recebermos benefício do *Bhagavad-gītā*, precisamos seguir este princípio. O *Bhagavad-gītā* não é um livro de conhecimento comum que podemos adquirir em qualquer livraria, ler e recorrer a um dicionário para entendê-lo. Não é bem assim. Se o fosse, Kṛṣṇa jamais teria dito a Arjuna que a ciência estava perdida.

Não é difícil compreender a necessidade de recorrer à sucessão discipular para se compreender o *Bhagavad-gītā*. Quem quer ser advogado, engenheiro ou médico precisa receber conhecimento dos advogados, engenheiros e médicos autorizados. O advogado iniciante precisa tornar-se aprendiz de um advogado experiente, ou, no caso de um jovem estudante de medicina, é preciso que ele passe a conviver e a trabalhar com aqueles que já são médicos licenciados. Não podemos aperfeiçoar o conhecimento que temos de um assunto sem que o recebamos por intermédio de fontes autorizadas.

Existem dois processos de adquirir conhecimento — o indutivo e o dedutivo. O método dedutivo é considerado o mais perfeito. Considerando, por exemplo, a premissa de que todos os homens são mortais, não é necessário discutir para ver se o homem é mortal mesmo. Em geral, aceita-se que tal premissa é um fato. A conclusão dedutiva é: “sr. Paulo é um homem, logo, o sr. Paulo é mortal”. Mas como se chega à premissa de que todos os homens são mortais? Os adeptos do método indutivo preferem chegar a esta premissa por meio de experimentos e observações. Deste modo, estuda-se que este homem morreu e

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

aquele homem também, etc., e, após observar-se que tantos homens morreram, conclui-se ou generaliza-se que todos os homens são mortais; só que há um grande defeito neste método indutivo, a saber, que nossa experiência é limitada. Talvez jamais tenhamos visto um homem que não fosse mortal, porém, fazemos nosso julgamento com base em nossa experiência pessoal, que é finita. Nossos sentidos têm poder limitado e temos muitas deficiências em nosso estado condicionado. Conseqüentemente, o processo indutivo nem sempre é perfeito, ao passo que o processo dedutivo, baseado numa fonte de conhecimento perfeito, é perfeito. Assim funciona o processo védico.

Apesar de a autoridade ser reconhecida, existem muitas passagens do *Bhagavad-gītā* que parecem ser dogmáticas. No Sétimo Capítulo, por exemplo, Śrī Kṛṣṇa diz:

mattaḥ parataram nānyat / kiñcid asti dhanañjaya
mayi sanvam idam protam / sūtre maṇi-guṇā iva

“Ó conquistador de riquezas (Arjuna), não existe verdade superior a Mim. Tudo repousa em Mim, assim como as pérolas são ensartadas num cordão” (*Bhagavad-gītā* 7.7).

Śrī Kṛṣṇa está dizendo que não existe autoridade superior a Ele, o que parece ser muito dogmático. Se eu digo: “Ninguém é superior a mim, as pessoas pensarão: “Oh! Svāmiji é muito orgulhoso”. Se um homem que está condicionado por tantas imperfeições diz que é o maior de todos, ele é blasfemo. Mas Kṛṣṇa pode dizer isto, pois, segundo registros históricos de quando Ele esteve na Terra, podemos compreender que Ele foi considerado a maior personalidade de Sua época. De fato, Ele se sobressaiu em todos os campos de atividades.

Segundo o sistema védico, considera-se perfeito aquele conhecimento que é recebido da maior autoridade. De acordo com os *Vedas*, existem três classes de evidência: *pratyakṣa*, *anumāna* e *śabda*. *Pratyakṣa* quer dizer percepção visual direta. Há alguém sentado à minha frente, posso vê-lo diretamente, e é por meio dos olhos que recebo conhecimento de que ele está sentado ali. O segundo método, *anumāna*, é auditivo: ouvindo o barulho de crianças brincando na rua, chegamos à conclusão de que elas estão lá. O terceiro método, *śabda*, consiste em aceitar as verdades apresentadas por uma autoridade superior. Aceitamos da parte de autoridades superiores a premissa de que o homem é mortal. Todos aceitam isto, mas ninguém tem experiência da mortalidade de todos os homens. Temos que aceitar isto por tradição. Se alguém disser: “Quem foi o primeiro a descobrir esta verdade?” Será muito difícil responder. Só poderemos dizer que se trata de um conhecimento popular e que o aceitamos. Dos três métodos de adquirir conhecimento, os *Vedas* afirmam que o terceiro método, aquele através do qual recebemos conhecimento de autoridades superiores, é o mais perfeito. A percepção direta é sempre imperfeita, especialmente na fase de vida condicionada. A percepção direta faz-nos ver o sol como se fosse um disco, do tamanho do prato em que comemos. Contudo, os cientistas esclarecem-nos que o sol é muitos milhares de vezes maior do que a Terra. Que devemos aceitar, então? A proclamação científica, a proclamação das autoridades, ou nossa própria experiência? Embora nós mesmos não possamos provar quão grande é o sol, aceitamos o veredicto dos astrônomos. Dessa maneira, aceitamos as declarações de autoridades em todos os campos de nossas atividades. Os jornais e o rádio informam-nos, também, o que está acontecendo na China, na Índia e em outros cantos do planeta. Não temos experiência direta desses eventos, tampouco sabemos se tais eventos estão ocorrendo de fato, porém, aceitamos a autoridade do rádio e dos jornais. Se queremos obter conhecimento, nossa única escolha é acreditar nas autoridades. E se a autoridade for perfeita nosso conhecimento será perfeito.

Segundo as fontes védicas, Kṛṣṇa é a maior e mais perfeita de todas as autoridades (*mattaḥ parataram nānyat kiñcid asti dhanañjaya*). Não é só Kṛṣṇa que proclama ser a autoridade máxima — isto também é aceito por grandes sábios e eruditos no *Bhagavad-gītā*. Se não aceitarmos Kṛṣṇa como autoridade e não aceitarmos literalmente as Suas palavras, não poderemos obter nenhum benefício do *Bhagavad-gītā*. Isso não é dogmático — é a pura verdade. Se analisarmos minuciosamente o que Kṛṣṇa diz, descobriremos que é a verdade. Mesmo eruditos como Śaṅkarācārya, cujas opiniões são diferentes das opiniões da Personalidade de Deus, admitem que Kṛṣṇa é *svayam bhagavān* — Kṛṣṇa é o Senhor Supremo.

O conhecimento védico não é uma descoberta recente. Trata-se de antigo conhecimento revelado. Kṛṣṇa refere-se a ele como *purātanaḥ*, que quer dizer antigo. Kṛṣṇa diz ter transmitido esta *yoga* ao deus do Sol milhões de anos atrás, e não sabemos quantos milhões de anos antes disso Ele transmitiu-o a outra pessoa. Este conhecimento vive sendo repetido, assim como o verão, o outono, o inverno e a primavera se repetem a cada ano. Nosso fundo de conhecimento é muito pobre, nem sequer conhecemos a história deste planeta se remontamos a mais de cinco mil anos. Porém, os textos védicos contam-nos histórias que remontam a milhões de anos atrás. O fato de não sabermos o que aconteceu há três mil anos neste planeta

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

não justifica que concluamos que então não existia história. É claro que alguém poderá desconfiar da validade histórica de Kṛṣṇa. Talvez diga que Kṛṣṇa, segundo o *Mahābhārata*, viveu há cinco mil anos, e, neste caso, não é possível que Ele tivesse transmitido o *Bhagavad-gītā* ao deus do Sol tantos milhões de anos antes. Se eu dissesse que dei uma palestra sobre o sol ao deus do Sol alguns milhões de anos atrás, as pessoas diriam: “Svāmiji está falando disparates”. Mas o mesmo não se aplica a Kṛṣṇa, pois Ele é a Suprema Personalidade de Deus. Se acreditamos que Kṛṣṇa falou o *Bhagavad-gītā* ao deus do Sol ou não, de qualquer modo Arjuna aceita este fato. Arjuna aceitou Kṛṣṇa como o Senhor Supremo, e por isso sabia que era bem possível que Kṛṣṇa tivesse falado com alguém milhões de anos antes. Apesar de pessoalmente aceitar as declarações de Śrī Kṛṣṇa, a fim de esclarecer a situação para pessoas no futuro, Arjuna pergunta:

*aparāṁ bhavato janma / paraṁ janma vivasvataḥ
katham etad vijānīyāṁ / tvam ādau proktavān iti*

“Vivasvān, o deus do Sol, nasceu antes de Ti. Como posso compreender que no princípio Tu lhe ensinaste esta ciência?” (*Bhagavad-gītā* 4.4).

Na verdade, esta é uma pergunta muito inteligente, à qual Kṛṣṇa responde do seguinte modo:

*bahūni me vyatītāni / janmāni tava cārjuna
tāny ahaṁ veda sarvāṇi / na tvam vettha parantapa*

“Tanto Eu quanto tu já passamos por muitíssimos nascimentos. Eu posso lembrar-Me de todos eles, mas tu não o podes, ó subjugador do inimigo!” (*Bhagavad-gītā* 4.5).

Apesar de ser Deus, Kṛṣṇa encarna muitíssimas vezes. Sendo uma entidade viva, Arjuna também nasce muitíssimas vezes. A diferença entre a Suprema Personalidade de Deus e a entidade viva está em *tāny ahaṁ veda sarvāṇi*: Kṛṣṇa lembra-Se dos eventos de Suas encarnações passadas, ao passo que a entidade viva não o pode. Esta é uma das diferenças entre Deus e o homem. Deus é eterno e nós também o somos, mas a diferença está em que vivemos mudando de corpos. À hora da morte esquecemo-nos dos eventos de nossa vida, morte significa esquecimento, isto é tudo. À noite, ao dormirmos, esquecemos que somos casados e que temos este e aquele filho. Ficamos esquecidos quando adormecemos, porém, ao acordarmos, lembramos: “Ah! sou fulano de tal e preciso fazer isto e aquilo”. O fato é que, em nossas vidas anteriores, tivemos outros corpos com outras famílias, pais, mães e assim por diante em outros países, mas esquecemo-nos de tudo isso. Talvez tenhamos sido cães ou gatos ou homens ou deuses — mas agora estamos esquecidos de tudo o que possamos ter sido.

A despeito de todas essas transformações, como entidades vivas, somos eternos. Assim como em vidas anteriores nos preparamos para obter este corpo, nesta vida estamos nos preparando para obter outro corpo. O corpo que receberemos dependerá de nosso *karma*, ou atividades. Quem estiver no modo da bondade será promovido a planetas superiores, a um status de vida superior (*Bhagavad-gītā* 14.14). A pessoa que morrer no modo da paixão permanecerá na Terra, e quem morrer no modo da ignorância talvez nasça em espécies de vida animal ou seja transferido a um planeta inferior (*Bhagavad-gītā* 14.15). Este é o processo que vem transcorrendo, mas nós nos esquecemos dele.

Certa feita, Indra, o rei dos céus, cometeu uma ofensa aos pés de seu mestre espiritual, o qual amaldiçoou-o a que nascesse como porco. Assim, o trono do reino celestial ficou vazio enquanto Indra nascia na Terra como porco. Vendo a situação, Brahmā veio à Terra conversar com o porco: “Meu caro senhor, viraste um porco neste planeta Terra. Eu vim para salvar-te. Vem logo comigo”. Mas o porco replicou: “Oh! não posso ir contigo. Tenho muitas responsabilidades — meus filhos, esposa e esta agradável sociedade suína”. Mesmo tendo Brahmā prometido que o levaria de volta aos céus, Indra, sob a forma de porco, recusou-se a ir. Isto chama-se esquecimento. De modo semelhante, o Senhor Śrī Kṛṣṇa vem e nos diz:

“Que estão fazendo neste mundo material? *Sarva-dharmān parityajya mām ekaṁ śaraṇam vraja*. Venham a Mim que Eu os protegerei”. Mas nós dizemos: “Não acredito em Vós. Tenho algo mais importante a fazer aqui”. Esta é a posição da alma condicionada — ela está esquecida. Este esquecimento esvai-se rapidamente para quem trilha o caminho da sucessão discipular.

6. Conhecimento dos aparecimentos e atividades de Kṛṣṇa

Existem duas forças da natureza que nos influenciam internamente. Por causa de uma delas, decidimos fazer avanço espiritual nesta vida, porém, no momento seguinte, a outra força, *māyā*, ou energia ilusória, diz: “Por que você está se submetendo a todo este incômodo? Simplesmente goze esta vida e não se esforce tanto”. Esta tendência de cair no esquecimento é que faz a distinção entre o homem e Deus. Arjuna é um companheiro e associado de Kṛṣṇa e, sempre que Kṛṣṇa aparece em qualquer planeta, Arjuna também nasce e aparece ao lado dEle. Quando transmitiu o *Bhagavad-gītā* ao deus do Sol, Arjuna também estava presente com Ele. Mas, por ser uma entidade viva finita, Arjuna não podia lembrar-se disso. A entidade viva é esquecida por natureza. Nem sequer podemos lembrar o que estávamos fazendo neste exato momento ontem ou uma semana atrás. Se nem disso podemos nos lembrar, como poderemos nos lembrar do que aconteceu em nossas vidas anteriores? Pois bem, se nós não podemos, como é que Kṛṣṇa pode lembrar-Se dessas coisas? A resposta é que Kṛṣṇa não muda de corpo.

“Embora Eu seja não-nascido e Meu corpo transcendental nunca se deteriore, e embora Eu seja o Senhor de todos os seres conscientes, mesmo assim, apareço em cada milênio sob Minha forma transcendental original” (*Bhagavad-gītā* 4.6).

A palavra *ātma-māyayā* significa que Kṛṣṇa desce tal como é. Ele não muda de corpo, mas nós, como almas condicionadas, mudamos, motivo pelo qual ficamos esquecidos. Kṛṣṇa, além de conhecer o passado, o presente e o futuro de Suas atividades, conhece o passado, o presente e o futuro das atividades de todo mundo.

“Ó Arjuna, como a Suprema Personalidade de Deus, Eu sei de tudo o que aconteceu no passado, de tudo o que acontece no presente e de todas as coisas que ainda estão por vir. Conheço, também, todas as entidades vivas, mas a Mim ninguém Me conhece” (*Bhagavad-gītā* 7.26).

O *Śrīmad-Bhāgavatam* também define o Senhor Supremo como aquele que sabe de tudo. O mesmo não se pode dizer inclusive de entidades vivas elevadíssimas, como Brahmā e Śiva. Somente Viṣṇu, ou Kṛṣṇa, sabe de tudo. A este respeito, pode-se levantar outra questão: se o Senhor não muda de corpo, por que Ele aparece como uma encarnação? Entre os filósofos, há muita divergência a respeito desta pergunta. Alguns dizem que, ao vir aqui, Kṛṣṇa assume um corpo material, mas isto não é verdade. Se Ele assumisse um corpo material como o nosso, não poderia lembrar-Se de tudo, pois o esquecimento é decorrência do corpo material. A verdadeira conclusão é que Ele não muda de corpo. Deus é chamado de Todo-Poderoso, e o verso supramencionado explica Sua onipotência. Kṛṣṇa não nasce e é eterno. Do mesmo modo, a entidade viva não nasce e também é eterna. Apenas o corpo, com o qual a entidade viva se identifica, é que nasce.

Bem no começo do *Bhagavad-gītā*, no Segundo Capítulo, Kṛṣṇa explica que aquilo que aceitamos como nascimento e morte decorre do corpo e que, tão logo recuperamos nosso corpo espiritual e livramo-nos da contaminação de nascimento e morte, voltamos a ser qualitativamente iguais a Kṛṣṇa. Nisto consiste o processo de consciência de Kṛṣṇa — a recuperação de nosso original corpo espiritual *sac-cid-ānanda*. Semelhante corpo é eterno (*sat*), pleno de conhecimento (*cit*) e bem-aventurado (*ānanda*). Este corpo material não é nem *sat*, nem *cit* nem *ānanda*. Ele é perecível, ao passo que a pessoa que o ocupa é imperecível. Ele é, também, um antro de ignorância, e, por ser ignorante e temporário, é um antro de misérias. Sentimos muito calor ou muito frio devido ao corpo material, porém, assim que recuperamos nosso corpo espiritual, as dualidades deixam de afetar-nos. Mesmo enquanto vivem dentro de seus corpos materiais, certos *yogīs* tornam-se indiferentes a dualidades tais como calor e frio. Conforme começamos a fazer avanço espiritual, apesar de ainda estarmos no corpo material, passamos a assumir as qualidades de um corpo espiritual. Se introduzimos uma barra de ferro no fogo, ela fica quente, e, em seguida, fica incandescente, até que deixa de ser ferro e passa a ser fogo — tudo em que toca é posto em chamas. À medida que avançarmos em consciência de Kṛṣṇa, nosso corpo material espiritualizar-se-á e deixará de ser afetado pela contaminação material.

O nascimento de Kṛṣṇa, Seu aparecimento e desaparecimento são comparados ao aparecimento e desaparecimento do sol. De manhã, parece que o sol nasce no horizonte oriental, mas, na verdade, não é bem assim. O sol não nasce nem se põe: ele é o que é em sua posição. Todos os nascentes e poentes decorrem da rotação da terra. De modo semelhante, os textos védicos revelam as datas programadas para o aparecimento e desaparecimento de Śrī Kṛṣṇa. O nascimento de Kṛṣṇa é como o nascer do sol. A cada momento, o sol está nascendo e se pondo; em algum canto do planeta as pessoas estão testemunhando o nascer do sol e o poente. Não é verdade que Kṛṣṇa nasce em determinado momento e vai embora em outro momento. Ele está sempre em alguma parte, só que parece ir e vir. Kṛṣṇa aparece e desaparece em muitos universos. Temos experiência apenas deste universo, porém, os textos védicos revelam-nos que este universo é tão-somente uma parte das infinitas manifestações do Senhor Supremo.

Apesar de Kṛṣṇa ser o Senhor Supremo não-nascido e imutável, Ele aparece sob Sua natureza transcendental original. A palavra *prakṛti* significa “natureza”. No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gītā*, afirma-se

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

que existem muitas categorias de natureza, as quais dividem-se em três classes básicas: a natureza externa, a natureza interna e a natureza marginal. A natureza externa é a manifestação deste mundo material, descrita no Sétimo Capítulo do *Gītā* como *aparā*, ou natureza material. Ao aparecer, Kṛṣṇa aceita a natureza superior (*prakṛtiṁ svām*), e não a natureza material inferior. Às vezes, acontece de o chefe de estado fazer uma visita ao presídio a fim de inspecionar as instalações e ver os internos, mas os prisioneiros erram ao pensar: “O chefe de estado entrou no presídio; logo, ele é prisioneiro tanto quanto nós o somos”. Como se afirmou antes, os tolos zombam de Śrī Kṛṣṇa quando de Seu advento sob a forma humana (*Bhagavad-gītā* 9.11).

Sendo o Senhor Supremo, Kṛṣṇa pode vir quando bem entender, e nós não temos direito de objetar e proibi-lo de vir. Ele é plenamente independente, podendo aparecer e desaparecer como Lhe aprouver. Se o chefe de estado vai visitar um presídio, não devemos imaginar que ele foi forçado a fazê-lo. Ao vir, Kṛṣṇa tem um objetivo, isto é, redimir as caídas almas condicionadas. Nós não amamos Kṛṣṇa, mas Kṛṣṇa nos ama. Ele afirma que todos são Seus filhos.

“Ó filho de Kuntī, procura entender que todas as espécies de vida tornam-se possíveis por meio do nascimento nesta natureza material, e que Eu sou o Pai gerador” (*Bhagavad-gītā* 14.4).

O pai sempre tem afeição pelo filho. Talvez o filho se esqueça do pai, mas o pai não consegue se esquecer do filho. Pelo amor que sente por nós Kṛṣṇa vem ao universo material a fim de livrar-nos das misérias de nascimento e morte. Ele diz: “Meus queridos filhos, por que estão apodrecendo neste mundo miserável? Venham a Mim que dar-lhes-ei toda a proteção”. Nós somos filhos do Supremo, e podemos gozar imensamente a vida, sem ter que sofrer nenhuma miséria e sem ter nenhuma dúvida. Portanto, não devemos pensar que Kṛṣṇa vem aqui da mesma maneira que nós, sendo forçado pelas leis da natureza. A palavra sânscrita *avatāra* literalmente significa “aquele que desce”. Aquele que desce do universo espiritual ao universo material por sua própria vontade é chamado de *avatāra*. Às vezes, Śrī Kṛṣṇa desce em pessoa e, outras vezes, envia Seu representante. As principais religiões do mundo — cristã, hindu, budista e muçulmana — acreditam em alguma autoridade suprema ou personalidade proveniente do reino de Deus. Na religião cristã, Jesus Cristo afirmava ser o filho de Deus e ter vindo do reino de Deus para redimir as almas condicionadas. Como seguidores do *Bhagavad-gītā*, admitimos que esta declaração é verdadeira. De modo que, basicamente, não há diferença de opinião. Talvez os pormenores sejam diferentes devido a diferenças em cultura, clima e povo, mas o princípio básico permanece o mesmo — ou seja, Deus ou Seus representantes vêm para redimir as almas condicionadas.

“Sempre e onde quer que ocorra a decadência da prática religiosa, ó descendente de Bharata, e o predomínio da irreligião — nesse momento Eu próprio advenho” (*Bhagavad-gītā* 4.7).

Deus é muito compassivo. Ele deseja ver o fim de nossas misérias, ao passo que nós procuramos nos adaptar a elas. Por sermos partes integrantes do Senhor Supremo, essas misérias nada têm a ver conosco, porém, de alguma forma, temo-las aceitado voluntariamente. Há misérias decorrentes do corpo e da mente, de outras entidades vivas e de catástrofes naturais. Estamos padecendo de todas essas três misérias, ou de pelo menos uma delas. Vivemos tentando solucionar a questão dessas misérias, e esta tentativa é conhecida como luta pela vida. Porém, nosso cérebro minúsculo não consegue solucionar esse problema. Só podemos encontrar a solução ao nos refugiarmos no Senhor Supremo.

Podemos ser felizes, restabelecendo-nos em nossa posição constitucional, e o *Bhagavad-gītā* destina-se a restabelecer-nos nessa posição. Além disso, Deus e Seu representante vêm ajudar-nos. Como se afirmou antes, Eles descem ao mundo material provenientes da natureza superior, não estando sujeitos às leis de nascimento, velhice, doença e morte. Kṛṣṇa apresenta a Arjuna as seguintes razões para Seu advento no mundo:

paritrāṇāya sādḥūnām / vināśāya ca duṣkṛtām
dharma-saṁsthāpanārthāya / sambhavāmi yuge yuge

“A fim de libertar os piedosos e aniquilar os canalhas, bem como para restabelecer os princípios da religião, Eu próprio advenho, milênio após milênio” (*Bhagavad-gītā* 4.8).

Neste verso, Kṛṣṇa diz que aparece quando ocorre uma decadência de *dharma*. A palavra sânscrita *dharma* tem sido traduzida para outros idiomas como “fé”, porém, fé passou a significar um sistema religioso qualquer, seja ele cristão; hindu, muçulmano, budista, etc. Contudo, a palavra *dharma* não tem esta conotação de fé. A fé de um indivíduo pode passar de hindu para budista, para cristã, para muçulmana, etc. As pessoas costumam aceitar uma fé e rejeitar outra, mas *dharma* não se muda. Por natureza, todo indivíduo presta algum serviço, seja a si mesmo, à sua família, à sua comunidade, à sua nação ou à humanidade em geral. Esta prestação de serviço não pode em nenhuma hipótese ser dissociada da entidade viva, e é nisto que consiste o *dharma* de toda entidade viva. Sem prestar serviço, ninguém pode existir. O

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

mundo gira porque estamos todos prestando e recebendo serviços. Precisamos esquecer as considerações sectárias de cristianismo, maometismo ou hinduísmo e entender que somos entidades vivas cuja posição constitucional é prestar serviço à entidade viva suprema. Atingindo essa fase de compreensão, libertar-nos-emos.

Liberação significa livrar-se de designações temporárias, adquiridas devido ao contato com a natureza material. Liberação nada mais é do que isto. Como temos corpos materiais, assumimos muitas designações: homem, pai, americano, cristão, branco, etc. Devemos abandonar essas designações de uma vez por todas caso queiramos realmente ser livres. Não somos amos em nenhuma circunstância. No momento estamos servindo, mas sob determinadas designações. Servimos à esposa, à família, ao trabalho, a nossos próprios sentidos, a nossos filhos, e, se não temos filhos, passamos a servir nossos cães e gatos. De qualquer modo, necessitamos de servir algo ou alguém. Se não temos esposa e filhos, acabamos arranjando um cão ou um gato a quem possamos servir. Esta é a nossa natureza: existimos para servir.

Quando afinal libertamo-nos dessas designações e passamos a prestar transcendental serviço amoroso ao Senhor, alcançamos nosso estado de perfeição. Assim, estabelecemo-nos em nosso verdadeiro *dharma*.

Deste modo, Śrī Kṛṣṇa diz aparecer sempre que surge uma discrepância no *dharma* das entidades vivas, isto é, sempre que as entidades vivas param de prestar serviço ao Supremo. Em outras palavras, o Senhor aparece sempre que a entidade viva se envolve demasiadamente em servir a seus sentidos, havendo, portanto, uma prática excessiva de gozo dos sentidos. Na Índia, por exemplo, quando as pessoas começaram a abusar da matança de animais, o Senhor Buddha veio estabelecer *ahimsā*, não-violência em relação a todos os seres vivos. De modo semelhante, no verso supramencionado, Śrī Kṛṣṇa diz ter vindo a fim de proteger os *sādhus* (*paritrāṇāya sādhubhūmān*). Os *sādhus* caracterizam-se por sua tolerância em relação a todos os outros seres vivos. A despeito de todas as inconveniências e perigos, eles procuram transmitir conhecimento verdadeiro às pessoas em geral. O *sādhu* não é amigo de uma sociedade, comunidade ou país em particular — ele é amigo de todos: tanto dos seres humanos quanto dos animais e outras formas inferiores de vida. Em suma, o *sādhu* não é inimigo de ninguém e tem a mesma amizade por todos. Logo, ele vive em paz. Semelhantes pessoas, tendo sacrificado tudo em nome do Senhor, são-Lhe muito queridas. Embora os *sādhus* não se importem ao serem insultados, Kṛṣṇa não tolera que alguém os insulte. Como se afirma no Nono Capítulo do *Gītā*, Kṛṣṇa é equânime com todos mas sente inclinação especial por Seus devotos:

*samo 'hām sarva-bhūteṣu / na me dveṣyo 'sti na priyaḥ
ye bhajanti tu mām bhaktyā / mayi te teṣu cāpy aham*

“Não invejo ninguém, nem sou parcial com ninguém. Sou equânime com todos. Mas aquele que, com devoção, presta serviço a Mim vive comigo, e Eu também sou muito amigo dele” (*Bhagavad-gītā* 9.29).

Apesar da neutralidade de Kṛṣṇa, se alguém está sempre absorto em consciência de Kṛṣṇa, difundindo a mensagem do *Bhagavad-gītā*, Ele lhe dá proteção especial. Śrī Kṛṣṇa promete que Seu devoto jamais perecerá: *kaunteya pratijānīhi na me bhaktaḥ praṅśyati* (*Bhagavad-gītā* 9.31).

Kṛṣṇa aparece, não apenas para proteger e salvar Seus devotos, como também para destruir os canalhas (*vināśāya ca duṣkṛtām*). Kṛṣṇa queria incumbir do governo do mundo Arjuna e os cinco Pāṇḍavas, que eram os *ksatriyas* e devotos mais piedosos da época, e também queria eliminar o grupo ateu de Duryodhana. E, como se mencionou antes, a terceira razão de Seu advento é estabelecer a verdadeira religião (*dharma-samsthāpanārthāya*). Assim, Kṛṣṇa tem três objetivos ao aparecer: proteger Seus devotos, eliminar os demônios e estabelecer a verdadeira religião da entidade viva. E não é só uma vez que Ele vem, mas sim muitíssimas vezes (*sambhavāmī yuge yuge*), porque este mundo material funciona de tal maneira que, com o transcorrer do tempo, tudo se acomoda e se deteriora novamente.

O mundo é concebido de tal modo que, mesmo que organizemos as coisas muito bem, ele vai se deteriorando aos poucos. Após a primeira guerra mundial foi assinado um armistício, e sucedeu-se um curto período de paz, interrompido logo em seguida pela segunda guerra mundial. E, agora que aquela guerra acabou, estão fazendo preparativos para a terceira guerra mundial. Esta é a função do tempo (*kāla*) no mundo material. Construímos uma linda casa, e, passados cinquenta anos, ela se deteriora, e, passados cem anos, se deteriora mais ainda. Analogamente, quando o corpo é jovem, as pessoas cuidam bem dele, sempre acariciando-o e beijando-o, porém, quando o corpo envelhece, ninguém liga para ele. Esta é a natureza do mundo material — mesmo que se faça uma ótima adaptação, mais cedo ou mais tarde ele será destruído. Portanto, são necessários ajustes periódicos, e, de era em era, o Senhor Supremo ou Seu representante aparecem para fazer os devidos ajustes no rumo que a civilização está tomando. Deste modo, Śrī Kṛṣṇa desce aqui muitas vezes para estabelecer ou recuperar muitas religiões diferentes.

7. Conhecimento como fé no guru e rendição a Kṛṣṇa

No Quarto Capítulo do *Bhagavad-gītā*, Śrī Kṛṣṇa conclui que, de todos os sacrifícios, o melhor é a aquisição de conhecimento.

*śreyān dravyamayād yajñāj / jñāna-yajñah parantapa
sarvaṁ karmākhilam pārtha / jñāne parisamāpyate*

“Ó castigador do inimigo, o sacrifício de adquirir conhecimento é superior ao sacrifício das posses materiais. Ó filho de Pṛthā, afinal de contas, o sacrifício dos frutos do trabalho culmina em conhecimento transcendental” (*Bhagavad-gītā* 4.33).

O conhecimento é o melhor sacrifício porque esta vida condicionada é decorrente da ignorância. Sacrifício, penitência, *yoga* e discussões filosóficas têm por objetivo a aquisição de conhecimento. Existem três fases de conhecimento transcendental, mediante as quais se compreende o aspecto impessoal de Deus (percepção do Brahman), o aspecto localizado de Deus dentro do coração e dentro de cada átomo (percepção do Paramātmā ou Superalma) e o aspecto de Bhagavān (percepção da Suprema Personalidade de Deus). Porém, o primeiro passo a ser dado, caso se queira adquirir conhecimento, é compreender que “Eu não sou este corpo. Sou alma espiritual, e o objetivo da minha vida é sair deste enredamento material.” A idéia é que, ao fazer qualquer sacrifício, a pessoa o faça visando a chegar à fase de conhecimento verdadeiro. No *Bhagavad-gītā* (7.19), consta que a perfeição máxima de conhecimento é a rendição a Kṛṣṇa (*bahūnām janmanām ante jñānavān mām prapadyate*).

É o *jñānavān*, e não o tolo, que se rende a Kṛṣṇa, e esta é a fase suprema de conhecimento. De modo semelhante, ao final do *Gītā*, Śrī Kṛṣṇa aconselha a Arjuna: “Abandona todas as espécies de religião e simplesmente rende-te a Mim. Libertar-te-ei de todas as reações pecaminosas. Não temas” (*Bhagavad-gītā* 18.66).

Esta é a parte mais confidencial do conhecimento. De todos os pontos de vista, se fizermos um estudo analítico dos textos védicos, veremos que a meta última do conhecimento é render-se a Kṛṣṇa. E que espécie de rendição é recomendada? Rendição com conhecimento pleno — quando atingimos a fase perfectiva, necessariamente entendemos que Vāsudeva, Kṛṣṇa, é tudo. Confirma-se isto, também, no *Brahma-saṁhitā* (5.1):

*īśvaraḥ paramaḥ kṛṣṇaḥ / sac-cid-ānanda-vigrahaḥ
anādir ādir govindaḥ / sarva-kāraṇa-kāraṇam*

“Kṛṣṇa, que é conhecido como Govinda, é a Divindade Suprema. Seu corpo é eterno, bem-aventurado e espiritual. Ele é a origem de tudo. Como não há origem anterior a Ele, Ele é a causa primordial de todas as causas”.

A expressão *sarva-kāraṇa* indica que Kṛṣṇa é a causa de todas as causas. Se investigássemos nossa árvore genealógica para descobrir o antepassado remoto que nos deu origem, chegaríamos ao Pai Supremo, a Suprema Personalidade de Deus.

Naturalmente, todos querem ver Deus o quanto antes, porém, só poderemos vê-IO após qualificarmo-nos e adquirirmos conhecimento perfeito. É possível ver Deus em pessoa, assim como nos vemos uns aos outros, só que, para isso, exige-se um requisito: consciência de Kṛṣṇa. A consciência de Kṛṣṇa começa com *śravaṇam*, ouvir a respeito de Kṛṣṇa por intermédio do *Bhagavad-gītā* e outros textos védicos, e *kīrtanam*, repetir o que foi ouvido e glorificar Kṛṣṇa, cantando Seus nomes. Cantando e ouvindo sobre Kṛṣṇa, podemos manter contato com Ele, pois Ele é absoluto, não sendo, portanto, diferente de Seus nomes, qualidades, formas e passatempos. Estando nós em contato com Kṛṣṇa, Ele nos ajuda a compreendê-IO e, com a luz do conhecimento, afasta a escuridão da ignorância. Kṛṣṇa encontra-Se dentro de nossos corações, onde age como *guru*. Quando passamos a ouvir tópicos sobre Ele, a poeira que, devido a tantos anos de contaminação material, temos acumulada em nossas mentes vai sendo removida aos poucos. Kṛṣṇa é amigo de todos, mas nutre amizade especial por Seus devotos. Basta desenvolvermos uma pequena inclinação em relação a Ele para que Ele, de dentro de nossos corações, comece a dar-nos orientações favoráveis, que nos ajudarão a progredir pouco a pouco. Kṛṣṇa é o primeiro mestre espiritual, mas, quando nosso interesse por Ele aumenta, devemos recorrer a um *sādhū* ou homem santo que aja como o mestre espiritual externo. O próprio Śrī Kṛṣṇa determina isto no seguinte verso:

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

*tad viddhi pranīpātena / paripraśnena sevayā
upadekṣyanti te jñānam / jñāninas tattva-darśinaḥ*

“Procura aprender a verdade, aproximando-te de um mestre espiritual. Com atitude submissa, faze-lhe perguntas e presta-lhe serviço. A alma auto-realizada pode transmitir-te conhecimento, pois já está em contato com a verdade” (*Bhagavad-gītā* 4.34).

É necessário que escolhamos uma pessoa a quem possamos nos render. Ninguém gosta de render-se a qualquer pessoa, é claro. Orgulhosos do conhecimento que possamos ter, nossa atitude é: “Ah! Quem terá condição de transmitir conhecimento a mim!” Certas pessoas dizem que não é necessário recorrer a um mestre espiritual para se obter compreensão espiritual. Contudo, segundo consta em textos védicos como o *Bhagavad-gīta*, o *Śrīmad-Bhāgavatam* e os *Upaniṣads*, o mestre espiritual é necessário. Mesmo no mundo material, se alguém deseja aprender música, tem que depender de um músico que o ensine, ou, se alguém deseja ser engenheiro, precisa ingressar numa faculdade especializada e aprender com quem conhece a tecnologia. Tampouco pode alguém tornar-se médico pelo simples fato de adquirir um livro e lê-lo em casa. Ele deve primeiro passar no vestibular de medicina e fazer seu curso, orientado por médicos licenciados. Não é possível aprender assuntos importantes pelo simples método de comprar livros e lê-los em casa. Precisamos de alguém que nos mostre como aplicar o conhecimento referido nos livros. Quanto à ciência de Deus, Śrī Kṛṣṇa, a Suprema Personalidade de Deus em pessoa, aconselha-nos a recorrer a uma pessoa a quem possamos nos render. Isto quer dizer que devemos investigar a pessoa para ver se ela é competente para dar instruções sobre o *Bhagavad-gītā* e outros textos relacionados à compreensão de Deus. Ao procurarmos o mestre espiritual, não devemos ser caprichosos. Para encontrar uma pessoa que tenha conhecimento profundo do assunto, requer-se muita seriedade.

No começo do *Bhagavad-gītā*, Arjuna dialogava com Kṛṣṇa em nível de amizade, e Kṛṣṇa questionava o fato de ele, sendo um militar, estar querendo fugir da luta. Porém, ao perceber que meros diálogos amistosos não o ajudariam a solucionar seus problemas, Arjuna rendeu-se a Kṛṣṇa, dizendo que *śiṣyaste 'hām sādhi mām tvām prapannam*: “Agora sou Teu discípulo e uma alma rendida a Ti. Por favor, instruí-me” (*Bhagavad-gītā* 2.7). Este é o processo. Embora não devamos nos render cegamente, devemos ter a capacidade de inquirir com inteligência.

Sem fazer perguntas, não podemos avançar. O estudante que faz perguntas ao professor é, em geral, um estudante inteligente. Em geral, demonstra inteligência a criancinha que vive fazendo perguntas a seu pai. “Que é isso? Que é aquilo?” Mesmo que tenhamos um ótimo mestre espiritual, se não tivermos capacidade de fazer-lhe perguntas, não poderemos avançar. Tampouco devemos fazer perguntas em tom de desafio. Não se deve pensar: “Agora quero ver que tipo de mestre espiritual ele é. Vou desafiá-lo”. Nossas perguntas (*paripraśnena*) devem estar relacionadas com o tema serviço (*sevayā*). Sem prestar serviço, será futilidade de nossa parte fazer perguntas, logo, antes mesmo de começar a questionar, devemos ter alguma qualificação. Se formos comprar ouro ou jóias sem noção alguma do que sejam essas mercadorias, é bem provável que sejamos enganados. Se nos aproximarmos de um joalheiro, dizendo: “O senhor poderia me mostrar um diamante?” ele perceberá que somos ignorantes. Neste caso, acabaremos pagando qualquer preço por qualquer coisa. Essa espécie de busca não funciona. Em primeiro lugar, precisamos ser um pouco inteligentes, pois, de outro modo, não é possível fazermos progresso espiritual.

O preceito inicial do *Vedānta-sūtra* é: *athāto brahma-jijñāsā*. “Este é o momento de indagar acerca do Brahman”. Com a palavra *atha* quer-se dizer que a pessoa inteligente, tendo finalmente percebido as frustrações básicas da vida material, é capaz de fazer perguntas relevantes. O *Śrīmad-Bhāgavatam* afirma que as perguntas feitas ao mestre espiritual devem estar relacionadas a assuntos “além desta escuridão”. Por natureza, este mundo material é escuro, sendo iluminado artificialmente pelo fogo. Devemos fazer perguntas sobre os mundos transcendentais, localizados além deste universo. A pessoa desejosa de descobrir os mistérios desses mundos espirituais deve buscar um mestre espiritual, caso contrário, a busca não é necessária. Se queremos estudar o *Bhagavad-gītā* ou o *Vedānta-sūtra* só para melhorar nossa situação material, não é necessário que busquemos um mestre espiritual. Em primeiro lugar, deve-se desenvolver o desejo de indagar acerca do Brahman para então buscar o mestre que tenha visão perfeita da Verdade Absoluta (*jñāninas tattva-darśinaḥ*). Kṛṣṇa é a suprema *tattva*, a Verdade Absoluta. No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gītā* Śrī Kṛṣṇa declara:

*manuṣyāṅām sahasreṣu / kaścīd yatati siddhaye
yatatān api siddhānām / kaścīn mām vetti tattvataḥ*

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

“Dentre muitos milhares de homens, talvez um se esforce por alcançar a perfeição. E, entre aqueles que alcançaram a perfeição, é difícil haver um que Me conheça de fato” (*Bhagavad-gītā* 7.5).

Assim, entre muitos espiritualistas perfeitos, talvez um deles saiba o que Kṛṣṇa é realmente. Conforme indica este verso, o assunto Kṛṣṇa não é nada fácil. Todavia, o *Bhagavad-gītā* também sugere como pode vir a ser fácil.

*bhaktyā mām abhijānāti / yāvān yaś cāsmi tattvataḥ
tato mām tattvato jñātvā / viśate tad-anantaram*

“É só praticando serviço devocional que se pode compreender a Personalidade Suprema como Ela é. E quem tem plena consciência do Senhor Supremo em virtude de tal devoção pode ingressar no reino de Deus” (*Bhagavad-gītā* 18.55).

Aceitando o processo de serviço devocional, podemos compreender Kṛṣṇa com muita facilidade. Praticando-o, temos condição de entender perfeitamente a ciência de Kṛṣṇa e candidatamo-nos a ingressar no reino de Deus. Se, como o *Bhagavad-gītā* diz, após muitos nascimentos, acabaremos tendo que nos render a Kṛṣṇa, por que não nos rendermos a Ele de imediato? Por que esperarmos que transcorram muitíssimos nascimentos? Se a rendição é o ápice da perfeição, por que não aceitarmos a perfeição agora? Evidentemente, a resposta é que, em geral, as pessoas guardam suas dúvidas. É possível alcançar a consciência de Kṛṣṇa em um segundo, mas também há quem não a alcance mesmo depois de milhares de nascimentos e mortes. Dependendo de nossa escolha, podemos nos tornar grandes almas num segundo, rendendo-nos a Kṛṣṇa. Porém, por termos dúvidas quanto à supremacia de Kṛṣṇa, levamos algum tempo até que possamos dissipar as dúvidas mediante o estudo das escrituras. Estudando o *Bhagavad-gītā* sob a orientação de um mestre espiritual fidedigno, podemos eliminar essas dúvidas e fazer progresso definitivo.

O fogo do conhecimento encarrega-se de reduzir a cinzas todas as dúvidas e atividades fruitivas. Śrī Kṛṣṇa dá a seguinte informação a respeito dos resultados de se indagar acerca da verdade de alguém que a tenha visto de fato.

“E ao teres assim aprendido a verdade, saberás que todos os seres vivos são apenas partes de Mim e que eles estão em Mim e são Meus. Mesmo que sejas considerado o mais pecaminoso dos pecadores, quando tiveres embarcado no navio do conhecimento transcendental, serás capaz de cruzar o oceano das misérias. Assim como o fogo ardente transforma a lenha em cinzas, ó Arjuna, da mesma forma, o fogo do conhecimento reduz a cinzas todas as reações às atividades materiais” (*Bhagavad-gītā* 4.35-37).

O fogo do conhecimento é aceso pelo mestre espiritual, e, estando aceso, transforma em cinzas todas as reações a nossos trabalhos. As reações a nosso trabalho, ou nosso *karma*, constituem a causa de nosso cativeiro. Existem trabalhos bons e trabalhos maus, e, neste verso, a expressão *sarva-karmāṇi* se refere a ambos. As reações tanto dos trabalhos bons quanto dos maus prejudicam aquele que deseja libertar-se deste cativeiro material. Neste mundo material, preferimos realizar bons trabalhos quando estamos situados no modo da bondade. Se estamos nos modos da paixão e da ignorância, entretanto, realizamos maus trabalhos. Por outro lado, aqueles que desejam tornar-se conscientes de Kṛṣṇa não precisam realizar trabalhos bons nem trabalhos maus. O bom trabalho nos pode proporcionar um bom nascimento em família rica ou aristocrática, e o mau trabalho nos pode proporcionar um nascimento inclusive no reino animal ou em famílias humanas degradadas. De qualquer modo, nascimento significa cativeiro, e a pessoa que trilha o caminho da consciência de Kṛṣṇa está tentando libertar-se do cativeiro da transmigração. Qual é a vantagem de nascer em família rica ou aristocrática se a pessoa não consegue desvencilhar-se de suas misérias materiais? Quer desfrutemos das reações do bom trabalho, quer padeçamos das reações do mau trabalho, somos obrigados a aceitar corpos materiais que nos fazem sujeitos às misérias materiais.

Prestando transcendental serviço a Kṛṣṇa livramo-nos realmente do ciclo de nascimentos e mortes. Mas, por não termos o fogo do conhecimento aceso em nossas mentes, sentimo-nos felizes na existência material. O cão ou o porco não podem perceber a vida miserável que estão levando. Eles acham que estão gozando a vida, e isto se deve à influência encobridora ou enganosa da energia material. No Bowery (bairro boêmio de Nova Iorque), há muitos bêbados deitados nas ruas, mas eles estão pensando: “Isso é que é vida”. Aqueles que passam por eles, porém, pensam: “Oh! como são miseráveis”. Assim funciona a energia ilusória. Mesmo que estejamos na miséria, sentimo-nos muito felizes. Isto chama-se ignorância. Contudo, ao despertar para o conhecimento, a pessoa pensa: “Ah! isso não é felicidade. Quero liberdade, mas não a tenho. Não quero morrer, mas sou forçado a morrer. Não quero envelhecer, mas a velhice não me perdoa. Não quero adoecer, mas vivo doente”. Essas são os principais problemas da existência humana, mas nós os ignoramos, preferindo concentrar-nos em resolver problemas menores. Achamos que desenvolvimento econômico é a coisa mais importante, esquecendo que não viveremos para sempre neste mundo material.

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

Com ou sem desenvolvimento econômico, nossa vida chegará ao fim mais cedo ou mais tarde. Mesmo que acumulemos muito dinheiro, teremos que deixá-lo para trás ao abandonarmos este corpo. É preciso que compreendamos como no mundo material, a influência da natureza material frustra tudo o que construímos. Queremos ser livres — poder viajar ao redor do mundo e ao redor do universo. De fato, temos esse direito como almas espirituais. O *Bhagavad-gītā* define a alma espiritual como *sarva-gataḥ*, referente à sua capacidade de ir aonde ela quiser. Nos Siddhalokas, há seres ou *yogīs* perfeitos com a capacidade de viajar a qualquer parte sem o auxílio de aviões ou quaisquer veículos mecânicos. Basta nos libertarmos do condicionamento material para que nos tornemos muito poderosos. Na realidade, não fazemos idéia do poder que temos como centelhas espirituais. Ao invés disso, sentimo-nos muito satisfeitos com nossa situação aqui na Terra. Orgulhamo-nos de nossas aventuras espaciais, achando que temos feito bastante avanço científico. Gastamos milhões e milhões de dólares construindo naves espaciais, sem saber de nossa capacidade de viajar gratuitamente a qualquer parte que desejemos.

A idéia é que devemos cultivar nossas potências espirituais através do conhecimento. O conhecimento já está aí: basta que o aceitemos. Em outras eras, as pessoas praticavam muitas penitências e austeridades a fim de adquirir conhecimento, mas, na era atual, este processo não é possível porque vivemos muito pouco e estamos sempre perturbados. O processo recomendado para esta era é o processo de consciência de Kṛṣṇa, o cantar de Hare Kṛṣṇa, que foi inaugurado por Śrī Caitanya Mahāprabhu. Se, adotando este processo, pudermos acender o fogo do conhecimento, todas as reações a nossas atividades serão reduzidas a cinzas, e isto purificar-nos-á.

*na hi jñānena sadṛśam / pavitram iha vidyate
tat svayam yoga-sāmsiddhaḥ / kālenātmani vindati*

“Neste mundo, não há nada tão sublime e puro como o conhecimento transcendental. Semelhante conhecimento é o fruto maduro de todo o misticismo. E alguém que o tenha alcançado acaba experimentando o prazer de conhecer seu eu interior” (*Bhagavad-gītā* 4.38).

Que vem a ser este conhecimento puro e sublime? É o conhecimento de que somos partes integrantes de Deus e de que devemos vincular nossa consciência à Consciência Suprema. Tal conhecimento é o mais puro que existe no mundo material. Tudo aqui é contaminado pelos modos da natureza material — bondade, paixão e ignorância. A bondade também é uma espécie de contaminação. Quem está no modo da bondade conscientiza-se de sua posição e dos assuntos transcendentais, mas seu defeito está em pensar: “Agora compreendi tudo. Agora estou bem”. Por isso, prefere continuar aqui. Em outras palavras, o homem no modo da bondade torna-se um prisioneiro de primeira classe e, sentindo-se feliz no presídio, prefere continuar aqui. Que dizer, então, das pessoas que estão nos modos da paixão e da ignorância? A idéia é que precisamos transcender inclusive a qualidade da bondade. A posição transcendental começa com a compreensão *aham brahmāsmi* — “Eu não sou esta matéria, mas sim espírito”. Mas mesmo esta posição é incerta. Requer-se ainda mais.

“Quem está assim transcendentalmente situado compreende de imediato o Brahman Supremo. Ele nunca lamenta nem deseja ter nada; tem disposição equânime em relação a todas as entidades vivas. Nesse estado, ele alcança o serviço devocional puro a Mim” (*Bhagavad-gītā* 18.54).

Na fase de *brahma-bhūtaḥ*, deixamos de nos identificar com a matéria. O primeiro sintoma de alguém estabelecido na plataforma de *brahma-bhūtaḥ* é que ele fica jubilante (*prasanātmā*). Nessa plataforma, não há nem lamentação nem ansiedade. Mas mesmo elevando-nos a essa fase, se não adotarmos o serviço amoroso a Kṛṣṇa, é bem possível que caiamos outra vez no remoinho material. Mesmo que subamos ao céu, atingindo boa altura, se não tivermos onde nos abrigarmos, cairemos aqui outra vez. A simples compreensão da fase de *brahma-bhūtaḥ* não nos ajudará se não nos refugiarmos nos pés de lótus de Kṛṣṇa. Assim que nos ocuparmos a serviço de Kṛṣṇa, não haverá mais possibilidade de cairmos de novo no mundo material.

Por nossa própria natureza, queremos estar ocupados. Uma criança travessa, por exemplo, só deixará de fazer travessuras ao ser ocupada em alguma outra atividade. Dando-lhe brinquedos, desviamos sua atenção e ela pára de fazer travessuras. Somos como crianças travessas, e por isso precisamos ocupar-nos em atividades espirituais. Não adiantará muito o fato de apenas compreendermos que somos almas espirituais. Unidos dessa compreensão, devemos manter a chama acesa praticando atividades espirituais. Na Índia, é comum sabermos de um homem que abandonou todas as ocupações materiais, deixou o lar e a família e tomou *sannyāsa*, a ordem renunciada, mas, após meditar por algum tempo, passou a fazer filantropia, abrindo alguns hospitais ou entrando para a política. Abrir hospitais é dever do governo; o dever do *sannyāsī* é criar hospitais onde as pessoas possam livrar-se de seus corpos materiais, ao invés de terem que

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

ficar enclausuradas neles. Contudo, não tendo noção do que vem a ser atividade espiritual, adotamos atividades materiais.

A perfeição em consciência de Kṛṣṇa proporciona o encontro natural do conhecimento e da sabedoria. Talvez algo desanime a princípio, mas a palavra *kālena*, significando “com o transcorrer do tempo”, indica que, se perseverarmos, teremos sucesso. É preciso ter fé, como afirma o seguinte verso:

*śraddhāvāl labhate jñānam / tat-paraḥ saṁyatendriyaḥ
jñānam labdhvā parām śāntim / acireṇādhigacchati*

“Um homem fiel, absorto em conhecimento transcendental e controlador dos sentidos, alcança rapidamente a suprema paz espiritual” (*Bhagavad-gītā* 4.39).

A consciência de Kṛṣṇa é muito difícil para quem hesita e não tem fé. Mesmo em nossas atividades corriqueiras, precisamos de uma certa parcela de fé. Na compra de uma passagem aérea, temos fé em que a companhia aérea levar-nos-á a nosso destino. Sem fé, nem sequer podemos viver no mundo material, isto para não falar de avançar espiritualmente. Onde depositaremos nossa fé? Na autoridade. Não devemos reservar nossa passagem numa companhia aérea desautorizada. Deve-se ter fé em Kṛṣṇa, o orador do *Bhagavad-gītā*. E como nos tornamos fiéis? Para tal, precisamos controlar os sentidos (*saṁyatendriyaḥ*). Estamos no mundo material porque queremos satisfazer nossos sentidos. Se acreditamos que um médico pode nos curar, e se ele nos proíbe de comer certos alimentos e, mesmo assim, os comemos, que espécie de fé é essa? Caso tenhamos fé em nosso médico, seguiremos suas orientações à risca. A idéia é que devemos seguir as instruções com fé. Com isto, adquiriremos sabedoria. O resultado de alcançarmos a fase de sabedoria é *parām śāntim* — paz suprema. Kṛṣṇa indica que, para quem controla os sentidos, a fé manifesta-se-lhe rapidamente (*acireṇā*). Atingindo essa fase de fé em Kṛṣṇa, a pessoa sente ser o homem mais feliz do mundo. Esta é a nossa posição. Precisamos aceitar a fórmula e executá-la fielmente. E nossa fé deve ser depositada na autoridade suprema, e não em um homem de terceira classe. Devemos procurar um mestre espiritual em quem possamos ter fé. Kṛṣṇa é a autoridade suprema, mas, podemos aceitar qualquer pessoa consciente de Kṛṣṇa como autoridade porque semelhante pessoa é um representante fidedigno de Kṛṣṇa. Saboreando o néctar das palavras do representante de Kṛṣṇa, sentir-nos-emos satisfeitos, assim como ficamos satisfeitos depois de comer uma farta refeição.

*ajñāś cāśraddadhānaś ca / saṁśayātmā vinaśyati
nāyam loko 'sti na paro / na sukham saṁśayātmanaḥ*

“Contudo, as pessoas ignorantes e infiéis que duvidam das escrituras reveladas não alcançam a consciência de Deus. A alma indecisa não experimenta felicidade nem neste mundo nem no próximo” (*Bhagavad-gītā* 4.40).

Os que hesitam em trilhar este caminho de conhecimento perdem todas as oportunidades. A hesitação é decorrência da ignorância (*ajñāś ca*). Quem hesitar em adotar a consciência de Kṛṣṇa não será feliz nem sequer neste mundo material, isto para não falar do que vai lhe acontecer na vida seguinte. O mundo material em si já é miserável, mas, para quem não tem fé, ele é ainda mais miserável. Portanto, a situação dos infiéis é bastante precária. Somos capazes de depositar enormes somas de dinheiro num banco porque acreditamos que aquele banco não irá à falência. Se temos fé em bancos e companhias aéreas, por que não podemos ter fé em Kṛṣṇa, que é reconhecido por tantos textos védicos e por tantos sábios como a autoridade suprema? Em nossa posição, devemos seguir os passos de grandes autoridades como Śaṅkarācārya, Rāmānujācārya e Caitanya Mahāprabhu. Se mantivermos nossa fé, cumprindo nossos deveres e seguindo-lhes os passos, nosso sucesso estará garantido.

Como se afirmou antes, devemos procurar alguém que tenha visto a Verdade Absoluta, render-nos a ele e servi-lo. Isto assegurará nossa salvação espiritual. Todos querem ver Deus, mas, em nossa atual fase de vida, estamos condicionados e iludidos. Não fazemos idéia de como as coisas sejam realmente. Apesar de sermos Brahman e jubilosos por natureza, de alguma forma caímos de nossa posição constitucional. Por natureza, somos *sac-cid-ānanda*, eternos, bem-aventurados e plenos de conhecimento, todavia, nosso corpo está destinado a morrer, além de ter uma existência cheia de ignorância e misérias. Os sentidos são imperfeitos, não sendo possível obter conhecimento perfeito por intermédio deles. Por isso, o *Bhagavad-gītā* declara que, se quisermos realmente aprender conhecimento transcendental, teremos que nos aproximar de alguém que tenha visto a Verdade Absoluta (*tad-viddhi pranīpāteṇā*). Tradicionalmente, os *brāhmaṇas* ocupam a função de mestres espirituais, porém, nesta era de Kalī, é muito difícil encontrar um *brāhmaṇa* de verdade. Portanto, é muito difícil encontrar um mestre espiritual qualificado. Sendo assim, Caitanya

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

Mahāprabhu recomenda que *kibā nyāsī śūdra kene naya/ yei kṛṣṇa-tattva-veṭhā, sei 'guru' haya*: “Não importa que alguém seja *brāhmaṇa, śūdra, sanniyāsī* ou chefe de família. Se ele conhece a ciência de Kṛṣṇa, é um mestre espiritual fidedigno.”

O *Bhagavad-gītā* é a ciência de Kṛṣṇa, e, se o estudarmos minuciosamente com todos os nossos argumentos, bom senso e conhecimento filosófico, acabaremos conhecendo essa ciência. Não é que devamos submeter-nos cegamente. Mesmo que o mestre espiritual seja auto-realizado e esteja situado na Verdade Absoluta, devemos fazer-lhe perguntas a fim de compreendermos todos os assuntos espirituais. Quem é capaz de responder realmente às perguntas relativas à ciência de Kṛṣṇa é um mestre espiritual, não importando onde tenha nascido ou o que seja ele *brāhmaṇa, śūdra*, americano, indiano, ou outra coisa qualquer. Quando consultamos um médico, não queremos saber se ele é hindu, cristão ou *brāhmaṇa*. Uma vez que seja qualificado como médico, simplesmente nos rendemos a ele, dizendo: “Doutor, cuide de mim: estou sofrendo”.

Kṛṣṇa é a meta última da ciência espiritual. Quando falamos de Kṛṣṇa, estamos nos referindo a Deus, é claro. Deus tem muitos nomes em todo o planeta e em todo o universo, porém, segundo o conhecimento védico, Kṛṣṇa é o nome supremo. Por isso, o Senhor Caitanya Mahāprabhu recomendava o cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare como o método supremo de compreensão nesta era. Caitanya Mahāprabhu não fazia distinções quanto a casta ou posição social. De fato, a maior parte de Seus principais discípulos era formada de pessoas que a sociedade considerava caídas. Caitanya Mahāprabhu chegou a chamar Haridāsa Ṭhākura, um muçulmano, de *nāmācārya*, ou preceptor dos santos nomes. De modo semelhante, Rūpa e Sanātana Gosvāmīs, dois dos principais discípulos do Senhor Caitanya, eram antes conhecidos como Sākara Mallika e Dabira Khāsa e eram funcionários do governo muçulmano. Na época, os hindus eram tão estritos que, se um *brāhmaṇa* trabalhava para um não-hindu, ele era imediatamente ostracizado da sociedade hindu. Apesar disso, Rūpa e Sanātana Gosvāmīs transformaram-se nas principais autoridades na ciência de Kṛṣṇa graças a Caitanya Mahāprabhu. Portanto, não se faz restrição a ninguém: qualquer pessoa pode tornar-se mestre espiritual contanto que conheça a ciência de Kṛṣṇa. Este é o único requisito, e a essência desta ciência encontra-se nas páginas do *Bhagavad-gītā*. No momento, são necessários milhares de mestres espirituais para difundir esta grande ciência no mundo todo.

Entenda-se que, ao falar o *Bhagavad-gītā* para Arjuna, Kṛṣṇa não o está falando apenas para Arjuna, mas sim para toda a raça humana. O próprio Śrī Kṛṣṇa declara que, pelo simples fato de conhecer a ciência de Kṛṣṇa, Arjuna deixaria de estar sujeito à ilusão (*yaj jñātvā na punar moham*). Se temos uma boa embarcação, podemos atravessar o Oceano Atlântico com facilidade. No momento estamos em meio ao oceano de ignorância, pois este mundo material costuma ser comparado a um grande oceano de ignorância. Portanto, o Senhor Caitanya Mahāprabhu orou a Kṛṣṇa do seguinte modo:

*ayi nandatanuja kiṅkaram / patitam mām viṣame bhavāmbudhau
kṛpayā tava pāda-paṅkaja-sthita-dhūlisadṛṣam vicintaya*

“O filho de Mahārāja Nanda, sou Teu servo eterno, e, apesar disso, de alguma forma, caí no oceano de nascimentos e mortes. Por favor, resgata-me deste oceano de mortes e deixa-me ficar como um dos átomos a Teus pés de lótus” (*Śikṣāṣṭakam* 5).

Uma vez dentro do barco do conhecimento perfeito, nada temos a temer, pois nele poderemos atravessar com muita facilidade o oceano. Mesmo uma pessoa muito pecaminosa pode atravessar mui facilmente o oceano caso obtenha a boa fortuna de embarcar no navio da ciência de Kṛṣṇa. Como se afirmou antes (*Bhagavad-gītā* 4.36), o que éramos em nossas vidas passadas não faz diferença. Como éramos ignorantes, podemos ter cometido muitos atos abomináveis. De fato, ninguém pode dizer que em sua vida nunca cometeu pecados. Porém, segundo o *Bhagavad-gītā*, isto não faz diferença. Basta conhecer a ciência de Kṛṣṇa para se alcançar a liberdade.

Logo, é absolutamente necessário que busquemos o conhecimento, sendo que a perfeição do conhecimento está em compreendermos Kṛṣṇa. Hoje em dia, há muitas teorias em voga e todos afirmam saber como viver melhor; daí o surgimento de tantos “ismos”. O comunismo é um dos “ismos” que têm se destacado no mundo. Porém, o *Śrīmād-Bhāgavatam* refere-se à semente do comunismo espiritual. Neste texto, Nārada Muni explica que todos os recursos naturais existentes neste universo material — quer no sistema planetário inferior, intermediário ou superior, ou mesmo no espaço sideral — são manifestações do Senhor Supremo. Precisamos compreender que todas as coisas existentes neste mundo foram criadas por Deus, e não por algum ser humano. Nenhum homem sensato pode negar isto. O *Śrī Īṣopansad* (*Mantra* 1) determina:

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

*īśāvāsyam idaṁ sarvaṁ / yat kiñca jagatyāṁ jagat
tena tyaktena bhuiñjīthā / mā ḡḍhaḥ kasya svid dhanam*

“Todas as coisas animadas ou inanimadas existente no universo são controladas pelo Senhor e Lhe pertencem. Deve-se, portanto, aceitar somente o que for indispensável, aquilo que é considerado o quinhão de cada um, e não se deve aceitar mais do que isso, visto que tudo pertence ao Senhor”.

Conseqüentemente, todas as entidades vivas, começando com o Senhor Brahmā, o semideus supremo, e descendo até a formiga, têm o direito de utilizar os recursos naturais. Nārada Muni frisa que podemos utilizar esses recursos na medida em que deles necessitamos, contudo, se quisermos mais do que aquilo de que necessitamos, viraremos ladrões. Infelizmente, todos estão tentando conquistar e dominar. Diferentes nações fazem uma corrida à Lua a fim de fincar suas bandeiras no planeta e declará-lo propriedade sua. Quando os europeus chegaram à América do Norte, eles hastearam sua bandeira e declararam que aquela terra era sua nação. Este hastear de bandeira e esta mentalidade nacionalista são devidos à ignorância. Nem sequer nos preocupamos em pensar onde estamos hasteando nossa bandeira.

Tudo pertence a Deus, e não a nós. Ter esta compreensão é ter conhecimento, e pensar que algo nos pertence é ignorância. Temos o direito de utilizar as coisas, mas não de usurpá-las ou reivindicá-las.

Se despejarmos um saco de milho na rua, os pombos virão e comerão quatro ou cinco grãos e depois irão embora. Eles não pegarão mais do que aquilo que puderem comer, e, depois de comerem, continuarão suas vidas tranquilamente. Porém, se colocássemos muitos sacos de farinha em alguma calçada e convidássemos as pessoas a pegarem sua parte, um homem pegaria dez ou vinte sacos e outro, quinze ou trinta sacos, e assim por diante. Mas os que não tivessem como carregar tantos sacos acabariam pegando apenas um ou dois sacos e, assim, a distribuição tornar-se-ia desigual. Isto é o que chamam de civilização avançada: carecemos inclusive do conhecimento comum aos pombos, cães e gatos. Tudo pertence ao Senhor Supremo, e podemos aceitar tudo aquilo de que necessitemos, mas não mais do que isto. Isto é conhecimento. O Senhor organizou o mundo de tal modo que não há escassez de nada. Nada nos faltará, contanto que saibamos como distribuir as coisas. Entretanto, a situação deplorável de hoje em dia é que uns obtêm mais do que aquilo de que necessitam ao passo que outros morrem de fome. Em consequência disso, os famintos se revoltam e questionam: “Por que deveríamos morrer de fome?” Infelizmente, seus métodos são imperfeitos. A perfeição do comunismo espiritual baseia-se no conhecimento de que tudo pertence a Deus. Conhecendo a ciência de Kṛṣṇa, podemos facilmente superar a ignorância decorrente do falso sentido de propriedade.

Na verdade, sofremos devido à nossa ignorância. Perante a justiça, a ignorância não é desculpa. Se dissermos ao juiz que não tínhamos conhecimento da lei, ele nos condenará de qualquer modo. Alguém que tenha acumulado muita riqueza por meios ilegais e, mesmo assim, declare ignorar sua transgressão será punido de qualquer maneira. O mundo inteiro carece deste conhecimento, e por isso são necessários milhares de mestres da ciência de Kṛṣṇa. Há muita carência deste conhecimento hoje em dia. Não devemos pensar que, pelo fato de Kṛṣṇa ter nascido na Índia, o conhecimento do *Bhagavad-gītā* é sectário ou que Kṛṣṇa é um Deus sectário. De fato, no Décimo Quarto Capítulo, Śrī Kṛṣṇa proclama ser o pai de todos os seres vivos, como já se demonstrou anteriormente (*Bhagavad-gītā* 14.4).

Como almas espirituais, somos partes integrantes do Espírito Supremo, porém, por desejarmos desfrutar deste mundo material, fomos transferidos para a natureza material. Todavia, não importando em que espécie de vida estejamos, Kṛṣṇa é o Pai. Portanto, o *Bhagavad-gītā* não se destina a um grupo ou a uma nação em particular, mas sim a todas as pessoas do mundo todo inclusive os animais. Agora que os filhos do Supremo estão, devido à ignorância, cometendo roubos, é dever de quem é versado no *Bhagavad-gītā* difundir este conhecimento supremo a todos os seres vivos. Dessa maneira, as pessoas compreenderão sua verdadeira natureza espiritual e sua relação com o todo espiritual supremo.

8. Ação com conhecimento de Kṛṣṇa

*na mām karmāṇi limpanti / na me karma-phale sprhā
iti mām yo 'bhijānāti / karmabhir na sa badhyate*

“Não existe nenhum trabalho que Me afete; tampouco aspiro aos frutos da ação. Compreendendo esta verdade a Meu respeito, a pessoa também não se deixa enredar pelas reações frutivas do trabalho” (*Bhagavad-gītā* 4.14).

O mundo inteiro está preso à lei do *karma*. Todos nós sabemos da existência de micróbios ou germes que, aos milhões, ocupam o espaço de um milímetro. O *Brahma-saṁhitā* afirma que, começando com o micróbio, chamado *indra-gopa* em sânscrito, e indo até Indra, o rei dos planetas celestiais, todos estão presos a seu *karma*, a reação ao trabalho. Somos todos obrigados a sofrer ou desfrutar as reações de nosso trabalho, sejam elas boas ou más. Enquanto tivermos que sofrer ou desfrutar essas reações, estaremos presos a esses corpos materiais.

Por arranjo da natureza, a entidade viva recebe um corpo material para sofrer ou desfrutar. Adquirem-se diferentes espécies de corpos para diferentes objetivos. O corpo do tigre foi feito para matar e comer carne crua. De modo semelhante, os porcos foram feitos de tal maneira que conseguem comer excremento. E nós, seres humanos, temos dentes feitos para comer legumes e frutas. Todos esses corpos são projetados de acordo com o trabalho realizado pela entidade viva em vidas anteriores. Nossos próximos corpos estão sendo projetados conforme o trabalho por nós realizado no momento, contudo, no verso citado anteriormente, Śrī Kṛṣṇa esclarece que a pessoa conhecedora da natureza transcendental de Suas atividades livra-se das reações às atividades. Devemos agir de tal modo que não nos enredemos outra vez neste mundo material. Isto torna-se possível se tornamo-nos conscientes de Kṛṣṇa estudando Kṛṣṇa, aprendendo a respeito da natureza transcendental de Suas atividades e compreendendo como Ele Se comporta neste mundo material e no mundo espiritual.

Ao aparecer na Terra, Kṛṣṇa não é como nós: Ele é inteiramente transcendental. Nós desejamos os frutos de nossas atividades, mas Kṛṣṇa não deseja quaisquer frutos, nem Suas ações sofrem reações. Tampouco deseja Ele praticar atividades frutivas (*na me karmaphale sprhā*). Ao fazermos algum negócio, nossa esperança é lucrar e, com o lucro, tencionamos comprar coisas que tornem nossa vida confortável. Sempre que as almas condicionadas fazem algo, há um desejo de desfrutar motivando a ação. Kṛṣṇa, porém, nada tem a desejar. Ele é a Suprema Personalidade de Deus, e é pleno de tudo. Ao aparecer na Terra, Kṛṣṇa teve muitas namoradas e mais de dezesseis mil esposas, e certas pessoas acham que Ele era muito sensual. Mas isto não é verdade.

É preciso que compreendamos o sentido que tem as relações mantidas com Kṛṣṇa. Neste mundo material, relacionamo-nos com as demais pessoas como pai, mãe, esposa, esposo, etc. Quaisquer relações existentes aqui são apenas reflexos pervertidos das relações que temos com o Senhor Supremo. Todas as coisas existentes neste mundo material surgem da Verdade Absoluta, só que, aqui, o tempo reflete tudo pervertidamente. A relação que mantemos com Kṛṣṇa é duradoura. Se somos amigos dEle, essa amizade é eterna, e perdura, vida após vida. No mundo material, uma amizade só dura alguns anos e, depois, se rompe; daí ser chamada de pervertida, temporária ou irreal. Se estabelecermos nossa amizade com Kṛṣṇa, ela jamais será rompida. Se fizermos de Kṛṣṇa o nosso amo, jamais seremos enganados. Se amarmos Kṛṣṇa como nosso filho, Ele não morrerá jamais. Se Kṛṣṇa for nosso amante, Ele será o melhor de todos, e jamais nos separaremos. Por ser o Senhor Supremo, Kṛṣṇa é ilimitado e tem um número ilimitado de devotos. Alguns tentam amá-LO como amante ou esposo, e por isso Kṛṣṇa aceita este papel. Kṛṣṇa nos aceitará da maneira que nos aproximarmos dEle, conforme Ele próprio declara no *Bhagavad-gītā* (4.11).

*ye yathā mām prapadyante / tāṁs tathaiva bhajāmy aham
mama vartmānuvartante / manuṣyāḥ pārtha sarvaśaḥ*

“Eu recompenso todos eles de acordo com a maneira como eles se rendem a Mim. Todos trilham Meu caminho sob todos os aspectos, ó filho de Pṛthā”.

As *gopīs*, ou vaqueirinhas amigas de Kṛṣṇa, praticaram rigorosas penitências em suas vidas anteriores a fim de obter Kṛṣṇa como seu esposo. De modo semelhante, no *Śrīmad-Bhāgavatam*, Śukadeva Gosvāmī diz que os meninos que brincavam com Kṛṣṇa haviam praticado grandes penitências e austeridades em suas vidas anteriores a fim de tornarem-se companheiros de folguedos de Kṛṣṇa. Portanto, os amiguinhos, associados e esposas de Kṛṣṇa não são entidades vivas comuns. Por não fazermos idéia do que seja a consciência de Kṛṣṇa, achamos que as atividades dEle são fúteis, mas, na realidade, são sublimes. Nelas repousa toda a perfeição de nossos desejos: qualquer desejo que tenhamos constitucionalmente será satisfeito de maneira perfeita quando

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

adotarmos a consciência de Kṛṣṇa.

Kṛṣṇa não necessitava de amigo algum para brincar com Ele, nem desejava uma esposa sequer. Nós nos casamos com alguém porque temos algum desejo a satisfazer, mas Kṛṣṇa é *pūrṇam*, pleno em Si mesmo. Talvez um homem pobre deseje ter mil dólares no banco, mas um homem rico não tem tal desejo pois já possui milhões de dólares no banco. Se Kṛṣṇa é a Suprema Personalidade de Deus, por que deveria Ele ter desejos? Muito pelo contrário, Ele satisfaz os desejos dos outros. O homem propõe e Deus dispõe. Se Kṛṣṇa tivesse algum desejo, Ele seria imperfeito, pois estaria Lhe faltando algo. Por isso, Ele diz não ter desejo a satisfazer. Como Yogeśvara, ou o senhor de todos os *yogīs*, tudo o que Ele deseja é imediatamente realizado. O desejo está fora de cogitação. Ele Se torna esposo, amante ou amigo só para satisfazer os desejos de Seus devotos. Se aceitarmos Kṛṣṇa como nosso amigo, amo, filho ou amante, jamais ficaremos frustrados. Toda entidade viva tem uma relação específica com Kṛṣṇa, mas, por enquanto, essa relação está encoberta. A medida que avançarmos em consciência de Kṛṣṇa, ela revelar-se-nos-á.

Embora o Senhor Supremo seja pleno e nada tenha a fazer, Ele trabalha a fim de dar o exemplo. Ele não está preso a Suas atividades no mundo material, e quem sabe disso também se livra das atividades reativas.

*evam jñātva kṛtām karma / pūrvair api mumukṣubhiḥ
kuru karmaiva tasmāt tvam / pūrvaiḥ pūrvataram kṛtam*

“Todas as almas liberadas de outrora agiram com esta compreensão e, assim, alcançaram a liberação. Portanto, tal qual os antigos, deves cumprir teu dever com esta consciência divina” (*Bhagavad-gītā* 4.15).

O processo de consciência de Kṛṣṇa exige que sigamos os passos dos grandes *ācāryas* que tiveram êxito na vida espiritual. Agindo de conformidade com os exemplos estabelecidos por grandes *ācāryas*, sábios, devotos e reis iluminados que praticaram *karma-yoga* em suas vidas, também nos libertaremos.

No campo de batalha de Kurukṣetra, Arjuna teve muito medo de ficar comprometido em virtude de suas atividades bélicas. Por isso, Kṛṣṇa garantiu-lhe que, se Arjuna lutasse em nome de Kṛṣṇa, não haveria possibilidade de enredamento.

*kim karma kim akarmeti / kavayo 'py atra mohitāḥ
tat te karma pravakṣyāmi / yaj jñātva mokṣyase 'śubhāt*

“Mesmo quem é inteligente se confunde quando se vê obrigado a determinar o que é ação e o que é inação. Agora vou explicar-te o que é ação, e, com este conhecimento, libertar-te-ás de todos os pecados” (*Bhagavad-gītā* 4.16).

As pessoas ficam realmente confusas em terem que determinar o que é trabalho (*karma*) e o que não é trabalho (*akarma*). Neste verso, Kṛṣṇa salienta que até grandes eruditos (*kavayaḥ*) ficam confusos em relação ao que vem a ser a natureza do trabalho. É necessário saber que atividades são genuínas e quais não o são, quais são fidedignas e quais não o são, quais são proibidas e quais não o são. Se compreendermos o princípio que rege o trabalho, na certa libertar-nos-emos do cativeiro material. Logo, é necessário sabermos como trabalhar de modo a não mais sermos forçados a aceitar outro corpo depois deste, obtendo, assim, liberdade para ingressar no céu espiritual. Śrī Kṛṣṇa delineia o princípio do trabalho adequado no último verso do Décimo Primeiro Capítulo:

*mat-karma-kṛm mat-paramo / mad-bhaktaḥ saṅga-varjitaḥ
nirvairāḥ sarva-bhūteṣu / yaḥ sa mām eti pāṇḍava*

“Meu querido Arjuna, aquele que se dedica a Meu serviço devocional puro, livre da contaminação de atividades anteriores e da especulação mental, que é amistoso com todas as entidades vivas, com certeza vem a Mim” (*Bhagavad-gītā* 11.55).

Basta lermos este único verso para entendermos a essência do *Bhagavad-gītā*. É preciso estar dedicado a “Meu trabalho”. E que trabalho é este? Kṛṣṇa o expõe na última instrução que dá a Arjuna no *Gītā*, ao dizer-lhe que se renda a Ele (*Bhagavad-gītā* 18.66).

O exemplo de Arjuna serve para ensinar-nos que só devemos trabalhar segundo a sanção de Kṛṣṇa. Esta é a missão da vida humana, mas nós a ignoramos. Devido a esta ignorância, realizamos muitos trabalhos ligados ao conceito corpóreo ou material de vida. Kṛṣṇa queria que Arjuna lutasse, e, apesar de não o querer, Arjuna lutou porque este era o desejo de Kṛṣṇa. Devemos aprender a seguir este exemplo.

Evidentemente, Kṛṣṇa estava pessoalmente ali, dizendo a Arjuna qual a sua função, mas, e no nosso caso? Śrī Kṛṣṇa dava orientações pessoais a Arjuna para agir dessa e daquela maneira, mas, não é porque

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

Kṛṣṇa não está presente diante de nós que vamos presumir não haver nenhuma orientação. De fato, a orientação está aí. O último capítulo do *Bhagavad-gītā* esclarece qual a espécie de trabalho que devemos realizar.

*ya idam paramam guhyam / mad-bhakteṣu abhidhāsyati
bhaktim mayi parām kṛtvā / mām evaiṣyaty asaṁśayah*

*na ca tasmān manuṣyeṣu / kaścin me priya-kṛttamaḥ
bhavitā na ca me tasmād / anyah priyatara bhuvi*

“Para quem explica o segredo supremo aos devotos, o serviço devocional está garantido, e, no final, ele voltará a Mim. Não tenho servo neste mundo que Me seja mais querido do que ele, nem jamais haverá alguém mais querido” (*Bhagavad-gītā* 18.68-69).

Portanto, nossa incumbência é pregar o método do *Bhagavad-gītā* e fazer as pessoas conscientes de Kṛṣṇa. Devido à falta de consciência de Kṛṣṇa é que as pessoas estão sofrendo. Devemos todos empenharmos em difundir a ciência de Kṛṣṇa para o benefício do mundo inteiro. O Senhor Caitanya Mahāprabhu adveio com esta missão de ensinar a consciência de Kṛṣṇa e costumava dizer que não importando a posição que alguém ocupe, se ele ensina a consciência de Kṛṣṇa, deve ser considerado um mestre espiritual. Tanto o *Bhagavad-gītā* quanto o *Śrīmad-Bhāgavatam* estão repletos de informações a respeito de como fazermos para tornarmos-nos conscientes de Kṛṣṇa. O Senhor Caitanya Mahāprabhu enfatizou esses dois livros e solicitou às pessoas de todos os cantos do mundo que difundissem esta ciência de Kṛṣṇa por todas as cidades e aldeias. O Senhor Caitanya Mahāprabhu era o próprio Kṛṣṇa, logo, devemos assumir que este é o indício do trabalho que devemos realizar, segundo a vontade de Kṛṣṇa. Mas devemos ter o cuidado de apresentar o *Bhagavad-gītā* como ele é, sem interpretações ou motivações pessoais. Certas pessoas apresentam suas interpretações do *Bhagavad-gītā*, porém, devemos apresentar exatamente as palavras que Śrī Kṛṣṇa falou.

Pode parecer que quem trabalha para Kṛṣṇa esteja trabalhando como qualquer outra pessoa do mundo material, mas isto não é verdade. Apesar de ter lutado como qualquer outro militar, Arjuna estava livre do enredamento de suas atividades porque lutou em consciência de Kṛṣṇa. Dessa maneira, seu trabalho não era absolutamente material, embora assim o parecesse. Qualquer ação sancionada por Kṛṣṇa — não importando do que se trate — não sofre reações. Pode ser que lutar não seja algo muito agradável, mas, às vezes, como no caso da Guerra de Kurukṣetra, é uma necessidade absoluta. Por outro lado, talvez trabalhe de maneira muito altruísta ou humanitária aos olhos da opinião pública e, mesmo assim, fiquemos presos à atividade material. Deste modo, não é a ação em si que é importante, mas sim a consciência com a qual se executa a ação.

*karmaṇo hy api boddhavyam / boddhavyam ca vikarmaṇaḥ
akarmaṇas ca boddhavyam / gahanā karmaṇo gatiḥ*

“É muito difícil compreender as complexidades da ação. Portanto, deve-se entender adequadamente o que é ação, o que é ação proibida e o que é inação” (*Bhagavad-gītā* 4.17).

O caminho de *karma* é muito complexo; logo, devemos compreender as distinções entre *karma*, *akarma* e *vikarma*. Basta que nos ocupemos em consciência de Kṛṣṇa para que tudo se esclareça. Caso contrário, teremos que fazer distinções entre o que devemos fazer e o que não devemos fazer a fim de que não fiquemos enredados. No transcurso normal da vida, inconscientemente infringimos alguma lei e temos que sofrer as conseqüências. Analogamente, as leis da natureza são muito estritas e rigorosas, e não aceitam desculpas. Uma das leis da natureza é que o fogo queima, e, mesmo uma criança, caso toque no fogo, ficará queimada a despeito de sua ignorância e inocência. Assim, é necessário que optemos com muito cuidado pelo que vamos fazer de maneira que as estritas leis da natureza não reajam, forçando-nos a sofrer. Precisamos compreender que espécie de trabalho devemos realizar e que espécie devemos evitar.

A palavra *karma* refere-se a deveres prescritos. A palavra *vikarma* refere-se às atividades contrárias a nossos deveres prescritos. E a palavra *akarma* refere-se às atividades isentas de qualquer reação. Ao executarmos atividades akármicas, pode parecer que sofreremos algumas reações, mas, na verdade, isto não acontece. Quando trabalhamos sob a orientação de Kṛṣṇa, não sofreremos reações de qualquer espécie. Se decidimos caprichosamente matar alguém, o governo estadual nos condena à pena capital. Neste caso, nossas ações são chamadas de *vikarma*, pois são contrárias às ações prescritas. Se, contudo, o governo nos alista no exército em tempo de guerra e matamos alguém na batalha, não sofreremos reações por isto, e isso

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

chama-se *akarma*. No primeiro caso, agimos segundo nossos próprios caprichos e, no segundo, agimos segundo a orientação do governo. De maneira parecida, ao agirmos sob a orientação de Kṛṣṇa, nossas ações chamam-se *akarma*, pois essa classe de ação não provoca reações.

*karmaṇy akarma yaḥ paśyed / akarmaṇi ca karma yaḥ
sa buddhimān manuṣyeṣu / sa yuktaḥ kṛtsna-karma-kṛt*

“É inteligente o homem que vê inação na ação e ação na inação, e tal homem, embora ocupado em atividades de toda espécie, encontra-se na posição transcendental” (*Bhagavad-gītā* 4.18).

Quem pode realmente perceber que, a despeito das atividades executadas, não há reações kármicas, que compreende o que vem a ser *akarma*, vê as coisas na perspectiva correta. A palavra *akarma* refere-se à pessoa que está tentando evitar as reações de *karma*. Vinculando suas atividades à consciência de Kṛṣṇa, a pessoa fica livre, mesmo que execute todas as classes de atividades. No campo de batalha de Kurukṣetra, Arjuna lutou, e os soldados do lado de Duryodhana também lutaram. Devemos entender o que faz Arjuna ficar isento de reações, ao passo que Duryodhana fica sujeito a elas. Do ponto de vista externo, ambos os grupos estavam lutando, mas devemos compreender que Arjuna não está preso a reações porque está lutando por ordem de Kṛṣṇa. Assim, quando vemos alguém trabalhando em consciência de Kṛṣṇa, devemos entender que semelhante trabalho não provoca reação alguma. Quem pode perceber a natureza desse trabalho deve ser considerado muito inteligente (*sa buddhimān*). A técnica está em compreender o que leva a pessoa a trabalhar de tal maneira, e não em observar o trabalho que ela está fazendo.

Na realidade, a atividade de Arjuna no campo de batalha era muito desagradável, mas, como ele estava em consciência de Kṛṣṇa, não sofria reação alguma. Talvez realizemos alguma ação que julgamos ser muito boa, porém, se não a realizamos em consciência de Kṛṣṇa, somos obrigados a sofrer as reações por ela provocadas. Do ponto de vista material, a decisão inicial de Arjuna de não lutar foi muito boa, contudo, do ponto de vista espiritual, não o foi. Ao realizarmos trabalho piedoso, obtemos certos resultados. Talvez nasçamos em ótima família, na família de um *brāhmaṇa* ou de um homem abastado, talvez nos tornemos muito ricos ou muito eruditos, ou talvez nos tornemos muito belos. Por outro lado, se realizamos trabalho ímpio, talvez tenhamos que nascer em família de classe baixa ou em família animal, ou talvez nos tornemos analfabetos ou tolos, ou muito feios. Mesmo que realizemos trabalho muito piedoso e tenhamos um bom nascimento, isto não nos absolverá da sujeição às estritas leis de ação e reação. Nosso objetivo principal deve ser escapar das leis deste mundo material. Se não entendermos isto, ficaremos atraídos por famílias aristocráticas, riquezas, uma boa educação ou um corpo atraente. Devemos compreender de uma vez por todas que, apesar de termos todas essas vantagens na vida material, não estamos livres do nascimento, da velhice, da doença e da morte. Para nos acautelar quanto a isto, Kṛṣṇa salienta no *Bhagavad-gītā* (8.16)

*ābrahma-bhuvanāl lokāḥ / punar āvartino ’rjuna
mām upetya tu kaunteya / punar janma na vidyate*

“Todos os cantos do mundo material, desde o planeta mais elevado até o mais baixo, são lugares miseráveis, onde ocorrem repetidos nascimentos e mortes”.

Mesmo em Brahmaloaka, o planeta mais elevado do mundo material, encontra-se a repetição de nascimentos e mortes. Precisamos ir ao planeta de Kṛṣṇa, se é que queremos nos livrar disto. Talvez seja ótimo estar na posição de um homem rico ou formoso, mas por quanto tempo pode-se manter essa posição? Não se trata de nossa vida permanente. Nossa erudição, riqueza ou beleza podem durar cinqüenta, sessenta ou, no máximo, cem anos, mas a vida real não dura só isso, nem tampouco milhares ou milhões de anos. Nós somos eternos, e devemos alcançar nossa vida eterna. O fato de ainda não a termos alcançado é problema inteiramente nosso. Mas podemos resolvê-lo tornando-nos conscientes de Kṛṣṇa.

Se abandonarmos este corpo material em consciência de Kṛṣṇa, não precisaremos mais regressar ao mundo material. A idéia é evitar por completo esta existência material. A solução não está em melhorarmos nossa condição no mundo material. Talvez um prisioneiro deseje melhorar sua condição dentro do presídio para, assim, ser considerado um prisioneiro de primeira classe, e talvez esse esforço lhe confira a categoria A como reconhecimento do governo, mas nenhum homem sensato contentar-se-á com a mera posição de prisioneiro classe A. O homem sensato desejará sair definitivamente do presídio. No mundo material, alguns de nós somos prisioneiros de classe A, B ou C, mas, ainda assim, somos todos prisioneiros. Verdadeiro conhecimento não consiste apenas em obter algum diploma acadêmico, mas sim em compreender esses problemas básicos da existência.

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

*yasya sarve samārambhāḥ / kāma-saṅkalpa-varjitāḥ
jñānāgni-dagdha-karmāṇam / tam āhuḥ paṇḍitam budhāḥ*

“É tido como dotado de conhecimento pleno aquele cujos atos não são motivados pelo desejo de gozo dos sentidos. Os sábios consideram-no um trabalhador cuja ação frutiva é reduzida a cinzas pelo fogo do conhecimento perfeito” (*Bhagavad-gītā* 4.19).

A palavra *paṇḍitam* significa erudito e *budhāḥ*, bem versado. No Décimo Capítulo, também encontramos a palavra *budhāḥ* no verso *budhā bhāva-samanvitāḥ* (*Bhagavad-gītā* 10.8). Segundo o *Bhagavad-gītā*, não é o fato de ter recebido muita instrução universitária que faz alguém uma pessoa erudita. O *Bhagavad-gītā* define como erudito o homem que encara tudo com equanimidade.

*vidyā-vinaya-sampanne / brāhmaṇe gavi hastini
śuni caiva śvapāke ca / paṇḍitāḥ sama-darśinaḥ*

“O sábio humilde, em virtude do conhecimento verdadeiro, encara com equanimidade um *brāhmaṇa* cortês e erudito, uma vaca, um elefante, um cão e um comedor de cães (pária)” (*Bhagavad-gītā* 5.18).

Na Índia, segundo a civilização védica, o *brāhmaṇa* erudito é considerado o homem mais elevado da sociedade humana. O *paṇḍita*, sendo cortês e erudito, encara semelhante *brāhmaṇa* da mesma maneira que encara um cão ou um pária comedor de cães. Em outras palavras, ele não vê distinções entre o mais elevado e o mais baixo. Acaso isto significa dizer que ser um *brāhmaṇa* erudito não é melhor do que ser um cão? Não, claro que não. Porém, o *paṇḍita* encara-os com equanimidade porque não vê a pele, mas sim o espírito. Quem aprendeu a arte de ver uma alma espiritual dentro de cada alma viva é considerado um *paṇḍita*, pois, na realidade, todo ser vivo é uma centelha espiritual, parte integrante do todo espiritual supremo. A centelha espiritual é igual em todos, só que está coberta por diferentes roupagens. Mesmo que um homem honrado apareça vestido com roupa muito velha, ninguém deixara de prestar-lhes as devidas honras. O *Bhagavad-gītā* compara esses corpos materiais a vestimentas que são usadas pela alma espiritual.

*vāsāmsi jīrṇāni yathā vihāya / navāni grhṇāti naro parāṇi
tathā śarīrāṇi vihāya jīrṇāny / anyāni samyāti navāni dehī*

“Assim como alguém veste roupas novas, deixando de lado as antigas, analogamente, a alma aceita novos corpos materiais, abandonando os velhos e inúteis” (*Bhagavad-gītā* 2.22).

Sempre que vemos alguma entidade viva devemos pensar: “Eis aqui uma alma espiritual”. *Paṇḍita* é todo aquele que pode entender essa visão espiritual da vida. Cāṇakya *Paṇḍita* dá o seguinte padrão de educação ou de qualificação para um *paṇḍita*: “O homem erudito encara todas as mulheres, exceto sua esposa, como mães dele; encara todas as posses materiais como lixo de rua; e considera o sofrimento alheio como se fosse o seu próprio sofrimento”. O Senhor Buddha ensinou que, nem verbalmente nem através de nossos atos, devemos ferir os animais. Esta é a qualificação do *paṇḍita*, e deve ser este o nosso padrão de vida. Em conclusão, a pessoa deve ser considerada educada de acordo com a visão de mundo que tiver e de acordo com a atividade que executar segundo esta visão, e não por seus diplomas acadêmicos, este é o significado da palavra *paṇḍita* no *Bhagavad-gītā*. De modo semelhante, a palavra *budhāḥ* refere-se especificamente àquele que é bem versado no estudo das escrituras. Os resultados de semelhante compreensão e aprendizado segundo a ótica das escrituras são descritas da seguinte maneira no *Bhagavad-gītā* (10.8):

*aham sarvasya prabhavo / mattaḥ sarvaṁ pravartate
iti matvā bhajante mām / budhā bhāva samanvitāḥ*

“Eu sou a fonte de todos os mundos, materiais e espirituais. Tudo emana de Mim. Os sábios que sabem disso perfeitamente ocupam-se em Meu serviço devocional e adoram-Me de todo o coração”.

A pessoa bem versada, ou *budhāḥ*, é aquela que chegou à conclusão de que Kṛṣṇa é a origem de todas as emanações. Tudo o que por ventura vejamos é apenas uma emanação de Kṛṣṇa. Há milhões e milhões de anos, tem emanado brilho do sol, e, mesmo assim, o sol continua tal como é. Analogamente, todas as energias, materiais e espirituais, provem de Kṛṣṇa. O resultado de sabermos disso é que nos tornamos devotos de Kṛṣṇa.

Assim, erudito é aquele que sabe que deve trabalhar em consciência de Kṛṣṇa, que já não deseja gozar

Rāja-vidyā: O Rei do Conhecimento

deste mundo material. Todos trabalham neste mundo material devido à luxúria (*kāma*), porém, o sábio está livre dos ditames de tal luxúria (*kāma-saṅkalpa-varjitāḥ*).

Como isto é possível? *Jñānāgni-dagdha-karmāṇam*: o fogo do conhecimento reduz à cinzas todas as reações às atividades pecaminosas. É o mais potente dos purificadores. Nossas vidas têm sentido e direção apenas na medida em que nos esforcemos para alcançar este conhecimento transcendental da consciência de Kṛṣṇa, *rāja-vidyā*, o rei de todo o conhecimento.